

Memorial do Convento: O Sonho e a Utopia

Agrupamento de Escolas Vergílio Ferreira
Escola Secundária Vergílio Ferreira

Curso de Ciências e Tecnologias



Caetana Matias nº4, Catarina Costa nº5, Lara Gonçalves nº13 e Rita Martins nº24
12º3º

Lisboa, 2026

Índice

1.	Introdução.....	2
2.	Desejo de voar do padre Bartolomeu Lourenço de Gusmão.....	3
3.	Construção da Passarola.....	4
4.	Recolha das vontades.....	6
5.	Voo da Passarola.....	7
6.	Visitas ao Monte Junto.....	9
7.	Simbolismo.....	11
8.	Crítica social.....	13
9.	Conclusão.....	15
10.	Bibliografia.....	16
11.	Anexo I.....	17

Introdução

A obra *Memorial do Convento*, de José Saramago, é um dos romances mais notáveis da literatura portuguesa contemporânea, destacando-se pela combinação que é feita entre a história, a ficção e a crítica social. Entre os vários elementos simbólicos presentes na obra, como o Convento e as personagens, destaca-se a Passarola. Esta assume um papel central na história, não apenas como uma invenção revolucionária, mas também como um símbolo de liberdade e sonho.

A Passarola é construída ao longo da obra por Baltasar Sete-Sóis e Blimunda, com a colaboração do padre Bartolomeu Lourenço de Gusmão, que apresenta inicialmente esta ideia. À medida que a narrativa se desenrola, conseguimos perceber a visão da sociedade da época em relação ao sonho de voar, sendo frequentemente associado ao perigo, pois, se o Santo Ofício descobrisse a máquina, todos os envolvidos poderiam ser condenados. Isto acontece porque esta invenção surge como um elemento revolucionário, que fogia ao controlo e explicação da igreja, constituindo assim uma ameaça para esta.

A escolha deste tema surge, assim, do interesse em compreender melhor o significado desta criação no contexto da narrativa, bem como a sua ligação ao sonho, ao conhecimento e ao progresso humano.

Através deste elemento, o autor evidencia a capacidade humana de imaginar, criar e desafiar o que parece impossível, tornando a história mais cativante e a sua leitura enriquecedora.

Permite, ainda, estabelecer ligações entre a ficção e a realidade, contribuindo para uma compreensão mais aprofundada da obra e do período em que esta se insere. Assim, a escolha justifica-se pelas diversas interpretações que podemos retirar deste tema, levando à reflexão, curiosidade e espírito crítico.

O trabalho tem como principais objetivos compreender o papel da Passarola na narrativa e o seu significado, analisar a importância das personagens e do contexto histórico na sua construção e perceber de que forma constitui uma crítica social, apresentando o seu valor enquanto representação do desejo humano de liberdade, inovação e superação.

Por fim, a metodologia utilizada para explorar estes temas foi a leitura completa da obra, seguida da recolha e análise de citações relevantes ao longo de toda a narrativa.¹

¹ Todas as citações deste trabalho foram retiradas de SARAMAGO, José. *Memorial do Convento*. 64. ed. Lisboa: Porto Editora, 2024

Desejo de Voar do padre Bartolomeu Lourenço de Gusmão

O padre Bartolomeu Lourenço, apelidado de Voador pela sociedade, é o responsável pela ideia de construir uma máquina capaz de voar, a Passarola. Embora constitua um dos temas centrais do livro, esta invenção só é apresentada no capítulo 6.

Neste capítulo, é possível perceber que este desejo não é repentino, tendo sido feitas várias tentativas anteriores. Ele afirma “Pois eu faz dois anos que voei, primeiro fiz um balão que ardeu, depois construí outro que subiu até ao teto duma sala do Paço, enfim outro que saiu por uma janela da Casa da Índia e ninguém tornou a ver, Mas voou em pessoa, ou só voaram os balões, Voaram os balões, foi o mesmo que ter voado eu, Voar balão não é voar homem, O homem primeiro tropeça, depois anda, depois corre, um dia voar...”²

Inicialmente, Baltasar desconfia da possibilidade de voar, no entanto, o padre contra-argumenta dizendo que antes de qualquer coisa existir, teve de ser inventada, como podemos perceber pela frase “Esse gancho que tens no braço não o inventaste tu, foi preciso que alguém tivesse a necessidade e a ideia, que sem aquela esta não ocorre, juntasse o couro e o ferro, e também estes navios que vês no rio, houve um tempo em que não tiveram velas, e outro tempo foi o da invenção dos remos, outro o do leme, e, assim como o homem bicho da terra, se faz marinheiro por necessidade, por necessidade se fará voador, Quem põe velas num barco está na água e na água fica, voar é sair da terra para o ar, onde não há chão que nos ampare os pés, Faremos como as aves, que tanto estão no céu como pousam na terra”³.

Com esta conversa, o padre convence Baltasar a ver a sua máquina e explica-lhe como vai funcionar. Em seguida, mostra-lhe a abegoaria, o local onde guarda os materiais e os desenhos da passarola. Baltasar fica impressionado com o projeto e começa a acreditar que o voo pode realmente ser possível, visível na seguinte passagem: “Então é isto, e o padre Bartolomeu Lourenço respondeu, Há-de ser isto, e, abrindo uma arca, tirou um papel que desenrolou, onde se via o desenho de uma ave, a passarola seria, isso era Baltasar capaz de reconhecer, e porque à vista era o desenho um pássaro, acreditou que todos aqueles materiais, juntos e ordenados nos lugares competentes, seriam capazes de voar.”⁴

Apesar de acreditar na possibilidade de voar, este sentia que não era a pessoa certa para ajudar o padre na construção, devido à sua condição física. No entanto, o padre argumenta: “Se Deus é maneta e fez o universo, este homem sem mão pode atar a vela e o arame que hão-de voar.”⁵

Este diálogo convenceu, assim, Baltasar a participar na construção da passarola, partilhando agora o mesmo desejo de voar.

² *Memorial do Convento*, p.66

³ *Ibid*, p.67

⁴ *Ibid*, p.70

⁵ *Ibid*, p.72

Construção da Passarola

Para realizar o desejo de voar do padre, Baltasar junta-se a ele para ajudar na construção da máquina, que está a ocorrer na quinta do duque de Aveiro em S. Sebastião da Pedreira. Esta foi concedida pelo rei D. João V que, entusiasmado com a ideia, decidiu contribuir no processo de construção da Passarola.

Por falta de dinheiro para comprar os materiais necessários para a obra, Baltasar Sete-Sóis decide ir trabalhar para o açougue do Terreiro do Paço, por incentivo do padre.

Por sua vez, Blimunda decide acompanhar o marido e revela os seus poderes, que vão ser essenciais para a construção da máquina. Quando está em jejum, consegue ver o interior das pessoas: “Vejo o que está dentro dos corpos, e às vezes o que está no interior da terra, vejo o que está por baixo da pele, e às vezes mesmo por baixo das roupas, mas só vejo quando estou em jejum, perco o dom quando muda o quarto da lua, mas volta logo a seguir” ⁶, mas também consegue detetar falhas na passarola, como podemos ver em “Uma vez por outra, Blimunda levanta-se mais cedo, antes de comer o pão de todas as manhãs, e, deslizando ao longo da parede para evitar pôr os olhos em Baltasar afasta o pano e vai inspecionar a obra feita, descobrir a fraqueza escondida do entrançado, a bolha de ar no interior do ferro.” ⁷

De seguida o padre parte para a Holanda em busca de conhecimentos científicos, pois em estrutura a máquina está pronta para voar, mas não o consegue fazer, pois ainda falta descobrir o segredo do éter, como podemos ver na citação “Partirei leve para a Holanda, que é terra de muitos sábios, e lá aprenderei a arte de fazer descer o éter do espaço, de modo a introduzi-lo nas esferas, porque sem ele nunca a máquina voará (...) Se o sol atrai o âmbar, e o âmbar atrai o éter, e o éter atrai o íman, e o íman atrai o ferro, a máquina irá sendo puxada para o sol, sem parar.” ⁸

Ao chegar da Holanda, o padre informa que vai estudar para a Faculdade de Coimbra: “agora que chegou de terras holandesas, vai tornar a Coimbra, um homem pode ser grande voador, mas é-lhe muito conveniente que saia bacharel, licenciado e doutor, e então, ainda que não voe, o consideram.”⁹

Após o seu regresso, numa ida ao palácio de D. João V, conhece Domenico Scarlatti, um músico italiano que tinha sido contratado para dar lições à infanta D. Maria Bárbara.

Estes desenvolvem uma relação de amizade e o padre decide convidá-lo a ir ver a passarola à quinta de S. Sebastião da Pedreira, e a ser apresentado a Baltasar e Blimunda, como podemos ver na seguinte citação “Boas tardes, Baltasar, trouxe hoje comigo um visitante a ver a máquina, Quem é esse, Uma pessoa do paço, Não pode ser el-rei, Um dia ele virá, ainda há poucos dias me chamou de

⁶ *Memorial do Convento*, p.82

⁷ *Ibid*, p.96

⁸ *Ibid*, p.99

⁹ *Ibid*, p.125

parte para me perguntar quando veria voar a máquina, é outra a pessoa que veio, Ficar a saber o que era de tanto segredo, afinal não foi essa a nossa combinação, para que nos calámos durante tantos anos, Eu é que sou o inventor da passarola, eu decido do que convém, Mas somos nós quem a está construindo, se quiser podemos ir-nos embora, Baltasar, não te saberei explicar, mas sinto que a pessoa que trago é de grande confiança, por ela poria as mãos no fogo ou deixaria a alma como penhor.”¹⁰

Scarlatti passa, assim, a ser parte do segredo e vai visitar a quinta regularmente, para tocar cravo enquanto o casal trabalha na construção da passarola, pois acredita que a sua música pode levar a máquina a voar, como está explícito na citação: “À despedida disse, Senhor Scarlatti, quando o enfadar o paço, lembre-se deste lugar, Lembrarei, por certo, e, se com isso não perturbar o trabalho de Baltasar e Blimunda, trarei para cá um cravo e tocarei para eles e para a passarola, talvez a minha música possa conciliar-se dentro das esferas com esse misterioso elemento.”¹¹

O autor faz uma analogia entre as três personagens, chamando-os de Trindade Terrestre: o padre Bartolomeu, enquanto inventor do projeto, identifica-se com o papel do Pai, Baltasar, com a sua força para construir a passarola, com o Filho, e, por fim, Blimunda, por estar encarregue de recolher as vontades dos vivos, com o Espírito Santo. Com a junção de Scarlatti, o trio passa a ser um quarteto, representando este a arte e a inspiração, através da sua música: “O cravo foi deixado pelos galegos do lado de fora do portão, não faltava mais nada verem eles a máquina de voar, e para a abegoaria o levaram, com grande esforço, Baltasar e Blimunda, não tanto pelo peso, mas por lhes faltarem arte e ciência, sem contar que as vibrações das cordas pareciam queixumes magoados e por causa deles se lhes apertava o coração, também duvidoso e assustado de tão extrema fragilidade.”¹²

¹⁰ *Memorial do Convento*, p.182

¹¹ *Ibid*, p.186

¹² *Ibid*, p.193

Recolha das vontades

Durante a sua viagem à Holanda, o padre descobre o segredo que vai permitir o voo da Passarola: o éter é formado pelas vontades humanas, tendo o aspeto de uma nuvem fechada. Assim, sabendo dos poderes de Blimunda, antes de partir para Coimbra, este pede-lhe que recolha o maior número de vontades que conseguir e que as guarde num frasco.

Apesar de parecer uma oportunidade perfeita para angariar vontades, durante a procissão do Corpo de Deus, Blimunda encontrava-se “cega”, ou seja, sem o seu poder de visão especial, porque era tempo de lua nova, como está presente na seguinte passagem: “Também não se irão furtar vontades. É tempo de lua nova, Blimunda não tem por agora mais olhos que os de toda a gente, tanto lhe faria jejuar como comer, e isto lhe dá paz e alegria, deixar que as vontades façam o que quiserem, ficar no corpo ou partir, seja este o meu descanso”¹³

No entanto, alguns meses depois, o padre alerta Blimunda que uma epidemia, vinda de uma nau do Brasil, atacou Lisboa e que esta seria a altura ideal para recolher as vontades das pessoas doentes, tarefa que realiza com sucesso: “quando o padre Bartolomeu Lourenço chegar à quinta de S. Sebastião da Pedreira e disser, Blimunda, está Lisboa atormentada de uma grande doença, morrem pessoas em todas as casas, lembrei-me de que não teremos melhor ocasião para recolher as vontades dos moribundos, se as conservam ainda, mas é meu dever avisar-te de que correrás grandes perigos, não vais se não quiseres, nem eu te obrigaria, ainda que obrigar-te estivesse na minha mão (...) Irás, perguntou o padre, Irei, respondeu ela, Mas não sozinha, disse Baltasar.”¹⁴

Logo após essa epidemia, surgiu outra, permitindo a recolha do dobro das vontades já recolhidas, como podemos ver na seguinte citação “Quando a epidemia terminou, já iam rareando os casos mortais e de repente passara-se a morrer doutra coisa, havia, bem contadas, duas mil vontades nos frascos.”¹⁵

O facto de andar sempre em jejum durante um mês, o esforço extremo e o contacto com pessoas doentes, provocou em Blimunda um estado de debilitação: “Não tinha dores, febre não se lhe sentia, apenas uma extrema magreza, uma palidez profunda que lhe tornava transparente a pele”¹⁶

Mais tarde, Domenico Scarlatti visita a quinta e toca para Blimunda. A música ajuda-a a recuperar lentamente até voltar a ficar saudável: “Nessa noite, Domenico Scarlatti ficou na quinta, tocando horas e horas, até de madrugada, já Blimunda estava de olhos abertos, corriam-lhe devagar as lágrimas”¹⁷

Desta maneira, tal como lhe pediu o padre, Blimunda recolhe duas mil vontades em procissões, autos de fé e nas obras do convento. É graças a estas que o voo da passarola se torna possível.

¹³ *Memorial do Convento*, p.160

¹⁴ *Ibid*, p.195

¹⁵ *Ibid*, p.200

¹⁶ *Ibid*, p.200

¹⁷ *Ibid*, p.202

Voo da Passarola

O voo da passarola ocorre no capítulo 16, e apesar de estar quase tudo preparado e apenas à espera da visita do rei, este teve de ser apressado pelo risco que corriam de serem apanhados pelo Santo Ofício.

Isto acontece quando o padre Bartolomeu Lourenço aparece na quinta de S. Sebastião da Pedreira, muito pálido e assustado, e afirma que têm de fugir, pois a Inquisição anda à sua procura.

Os três, depois de retirarem o telhado da abegoaria e colocarem tudo o que precisam no interior da máquina, decidem levantar voo: “A máquina estremeceu, oscilou como se procurasse um equilíbrio subitamente perdido, ouviu-se um rangido geral, eram as lamelas de ferro, os vimes entrançados, e de repente, como se a aspirasse um vórtice luminoso, girou duas vezes sobre si própria enquanto subia, mal ultrapassara ainda a altura das paredes, até que, firme, novamente equilibrada, erguendo a sua cabeça de gaivota, lançou-se em flecha, céu acima.”¹⁸

Com a pressa, estes decidem não cumprir a promessa que fizeram a Scarlatti, e acabam por deixar o cravo na abegoaria, esquecendo-se que estavam a colocar em risco o seu segredo: “... e o cravo, que se há-de fazer do cravo, pois que fique, são egoísmos que devemos compreender e desculpar, tanta é a aflição, nenhum destes três se lembra de que, ficando o cravo, as justiças eclesiásticas e seculares hão-de sentir despertar a curiosidade, porquê e para quê está aqui um instrumento tão pouco adequado ao sítio, e se foi um tufão que arrancou as telhas e o travejamento, como é possível que não tenha destruído o cravo, tão delicado que até mesmo a ombro de carregadores se lhe desacertaram os saltarelos, Não tocará o senhor Escarlata no céu, disse Blimunda.”¹⁹

Quando chega à quinta, Scarlatti ainda vê a máquina a voar e senta-se a tocar uma música no cravo. Após este momento, o músico reflete sobre o perigo de deixar lá o instrumento, e decide escondê-lo, atirando-o para o fundo do poço: “indo Domenico Scarlatti à quinta, viu, já chegando perto, levantar-se de repente a máquina, num grande sopro de asas (...) esta que faz sentar-se Domenico Scarlatti ao cravo e tocar, um pouco, quase nada, apenas passando os dedos pelas teclas como se estivessem aflorando um rosto quando já as palavras foram ditas ou são de menos, e depois, porque muito bem sabe ser perigoso deixar ali o cravo, arrasta-o para fora, sobre o chão irregular, aos solavancos, gemem desencontradas as cordas, agora sim se desacertarão os saltarelos e vai ser para nunca mais, levou Scarlatti o cravo até ao bocal do poço, felizmente que é baixo, e levantando-o em peso, muito lhe custa, o precipita a fundo, bate a caixa duas vezes na parede interior, todas as cordas gritam, e enfim cai na água.”²⁰

Apesar dos percalços iniciais, o voo parece estar a correr como o esperado, e provoca nas personagens um sentimento de realização, pois conseguiram

¹⁸ *Memorial do Convento*, p.214

¹⁹ *Ibid*, p.214

²⁰ *Ibid*, p.217/218

concretizar o seu sonho, como podemos ver na citação “Não tinham medo, estavam apenas assustados com a sua própria coragem.”²¹

Os três sobrevoam Lisboa e Mafra, e alguns dos camponeses e trabalhadores do convento que os vêem acreditavam tratar-se de uma manifestação do Espírito Santo, no entanto outros pensavam ser apenas uma alucinação: “Passam velozmente sobre as obras do convento, mas desta vez há quem os veja, gente que foge espavorida, gente que se ajoelha ao acaso e levanta as mãos implorativas de misericórdia, gente que atira pedras, o alvoroço toma conta de milhares de homens, quem não chegou a ver duvida, quem viu, jura e pede o testemunho do vizinho, mas provas já ninguém as pode apresentar porque a máquina afastou-se na direcção do sol, tornou-se invisível contra o disco refulgente, talvez não tivesse sido mais que uma alucinação, já os cépticos triunfam sobre a perplexidade dos que acreditaram.”²²

Ao cair da noite, a passarola começa a perder altitude, devido à ausência do sol, mas com todas as suas forças, Baltasar e Blimunda conseguem controlar a máquina, evitando a sua queda. Acabam por sobreviver, sem ferimentos graves, à aterragem violenta em Monte Junto.

No entanto, o padre continua com medo que o Santo Ofício os encontre, e acaba por tentar pegar fogo à sua invenção, dizendo: “Se tenho de arder numa fogueira, fosse ao menos esta” ²³, mas é impedido pelo casal.

Após este episódio, desaparece e nunca mais é visto, deixando o seu sonho inacabado. Com medo que a passarola seja descoberta, Baltasar e Blimunda cobrem-na com ramos e arbustos e partem para Mafra.

Apesar do final inesperado, a concretização do voo da Passarola foi, assim, possível graças à inteligência do Padre Bartolomeu Lourenço, à força física de Baltasar e aos poderes mágicos de Blimunda.

²¹ *Memorial do Convento*, p.215

²² *Ibid*, p.221

²³ *Ibid*, p.226

Visitas ao Monte Junto

Após o desaparecimento do Padre Bartolomeu Lourenço, Baltasar decide fazer visitas esporádicas ao Monte Junto, onde deixaram a máquina, para fazer a sua manutenção.

Ao regressar de uma destas visitas, Baltasar é surpreendido pela presença de Scarlatti. Este vem avisá-los que o padre Bartolomeu tinha morrido em Toledo, para onde tinha fugido, após a aterragem da passarola.

Esta notícia afeta profundamente Baltasar, que começa a beber regularmente, numa tentativa de esquecer o sofrimento que a morte do padre lhe causa. Esta dor é evidente na seguinte passagem: “Bebe porque constantemente se lembra da passarola, lá na serra do Barregudo, numa encosta do Monte Junto, quem sabe se já encontrada por contrabandistas ou pastores, e só de pensar nisso sofre como se o estivessem a apertar no potro.”²⁴

Durante uma conversa com outros trabalhadores do convento, Baltasar diz que não sabe se perdeu a sua mão na guerra ou se foi o Sol que a queimou: “Foi de uma vez que subi a uma serra muito alta, tão alta que estendendo o braço tocava-se no sol, nem sei se perdi a mão na guerra, se foi o sol que me queimou”.²⁵ Os restantes homens consideram essa ideia impossível, visto que este só era capaz de tocar no Sol se voasse como os pássaros, ou então se fosse bruxo, tal como se verifica em “Chegar perto do sol, só se tivesses voado como os pássaros, (...) mas tu és homem, não tens asas, A não ser que sejas bruxo, ...”²⁶. Baltasar, no entanto, nega isto, pois sabe que qualquer ligação à passarola podia levar à sua perseguição pelo Santo Ofício: “Eu não sou bruxo, ponham-se a dizer essas coisas, e leva-me o Santo Ofício, e também ninguém me ouviu dizer que voei”²⁷

Depois de algumas visitas ao Monte Junto para consertar a máquina, que se ia destruindo com o tempo, Blimunda decide acompanhar Baltasar na viagem. Esta diz que gostaria de conhecer o caminho, caso um dia precisasse de deslocar-se até ao local sozinha. Depois de finalmente chegarem à serra, passaram o resto do dia a trabalhar na máquina e a reparar os estragos causados pelo abandono, acabando por passar a noite no interior da passarola, voltando a Mafra só no dia seguinte.

Ao visitar a máquina, algum tempo depois, Baltasar decide entrar nela para consertar algumas coisas. Nesse momento, ao colocar o pé em tábuas apodrecidas, caiu, e ao tentar segurar-se, sem que compreenda exatamente como, a máquina começa a voar. Incapaz de a controlar, este desaparece sem deixar rasto: “la distraído, não reparou onde punha os pés, de repente duas tábuas cederam, rebentaram, afundaram-se. Esbracejou violentamente para se amparar, evitar a queda, o gancho do braço foi enfiar-se na argola que servia para afastar as velas, e, de golpe, suspenso em todo o seu peso, Baltasar viu os panos arredarem-se para o lado com estrondo, o sol inundou a máquina, brilharam as bolas de âmbar e as

²⁴ *Memorial do Convento*, p.255

²⁵ *Ibid*, p.260

²⁶ *Ibid*, p.261

²⁷ *Ibid*, p.261

esferas. A máquina rodopiou duas vezes, despedaçou, rasgou os arbustos que a envolviam, e subiu. Não se via uma nuvem no céu.”²⁸

Ao estranhar a demora do seu marido, Blimunda decide ir procurá-lo ao Monte Junto, refazendo o caminho que tinha feito com ele algum tempo antes e tentando relembrar-se deste. Quando chega, vê o lugar deserto e percebe imediatamente que a passarola levantou voo, no entanto mantém a esperança de que Baltasar não tenha voado com esta.

Pelo facto de não encontrar Baltasar onde esperava, Blimunda percorre Portugal inteiro durante nove anos à sua procura, recusando acreditar na sua morte. Nesta procura, acaba por contar a história do que aconteceu repetidas vezes, passando a ser conhecida por Voadora: “Por fim já era conhecida de terra em terra, a pontos de não raro a preceder o nome de Voadora, por causa da estranha história que contava.”²⁹

Finalmente, pensa encontrá-lo durante um auto de fé em Lisboa, no local onde viu a mãe pela última vez. Este tinha sido condenado pelo Santo Ofício e ao ver a sua vontade, a sua mulher decide recolhê-la: “E uma nuvem fechada está no centro do seu corpo. Então Blimunda disse, Vem. Desprende-se a vontade de Baltasar Sete-Sóis, mas não subiu para as estrelas, se à terra pertencia e a Blimunda.”³⁰

²⁸ *Memorial do Convento*, p.375

²⁹ *Ibid*, p.396

³⁰ *Ibid*, p.400

Simbolismo

A Passarola contém vários simbolismos na obra Memorial do Convento.

Em primeiro lugar, representa o sonho humano de superar limites, isto é, a liberdade. A obra passa-se numa época opressora, marcada pelo domínio da igreja católica e do Santo Ofício. Ao ser construída neste contexto, a passarola representa a resistência contra a opressão, e também a superação, ao permitir que Baltasar, Blimunda e Bartolomeu escapem das restrições impostas pela sociedade, voando pelos céus. Esta ideia é abordada na seguinte passagem: “Além da conversa das mulheres, são os sonhos que seguram o mundo na sua órbita. Mas são também os sonhos que lhe fazem uma coroa de luas, por isso o céu é o resplendor que há dentro da cabeça dos homens, se não é a cabeça dos homens o próprio e único céu.”³¹. Isto evidencia a importância do sonho e da capacidade humana de superar limites.

Para além disto, a passarola é, ainda, um símbolo de inovação e progresso científico. O padre Bartolomeu Lourenço era um homem de ciência, e por essa razão acreditava que esta poderia contribuir positivamente para o crescimento da sociedade. Contudo, a sociedade da época possuía uma mente retrógrada muito influenciada pelo Santo Ofício. Isto levou à perseguição das personagens envolvidas na construção da máquina, demonstrando o conflito entre o pensamento inovador e o conservadorismo religioso e político da época. Isto é retratado na passagem: “Não é pecado, que eu saiba, nem heresia, querer voar, ainda há quinze anos voou um balão no paço e daí não veio mal, Um balão é nada, respondeu o padre, voe agora a máquina e talvez que o Santo Ofício considere que há arte demoníaca nesse voo, e quando quiserem saber que partes fazem navegar a máquina pelos ares, não poderei responder-lhes que estão vontades humanas dentro das esferas, para o Santo Ofício não há vontades, há só almas, dirão que as mantemos presas, a almas cristãs, e as impedimos de subir ao paraíso, bem sabem que, querendo o Santo Ofício, são são más todas as razões boas, e boas todas as razões más, e quando umas e outras faltem, lá estão os tormentos da água e do fogo, do potro e da polé, para fazê-las nascer do nada e à discricção, Mas, estando el-rei do nosso lado, o Santo Ofício não irá contra o gosto e a vontade de sua majestade, El-rei, sendo caso duvidoso, só fará o que o Santo Ofício lhe disser que faça.”³²

É ainda possível identificar a simbologia dos números 3 e 4 na obra.

Começando pelo número três, este representa a ordem espiritual e intelectual, sendo também associado à perfeição. Segundo o Cristianismo, a Trindade é composta pelo Pai, o Filho e pelo Espírito Santo. Da mesma forma, Baltasar, Blimunda e Bartolomeu constituem a “Trindade terrestre”, marcada pela união e harmonia entre as três personagens na construção da passarola.

³¹ Memorial do Convento, p.125

³² Ibid, p.210

Por outro lado, o número quatro está associado ao quadrado e à cruz, representando a estabilidade e a solidez. No contexto da passarola, este é representado por Domenico Scarlatti. Desta forma, este número representa a peça que completa o grupo, sendo essencial para a concretização do sonho de voar.

Assim, a passarola é um dos elementos mais simbólicos da obra *Memorial do Convento*, representando simultaneamente o sonho, a liberdade, o progresso científico e a resistência contra a opressão. Relacionados com este tema, é ainda possível identificar os números três e quatro, associados a significados simbólicos relevantes ao longo da narrativa. Através da construção da passarola, José Saramago reflete, assim, sobre a importância de sonhar e a condição humana.

Crítica social

A passarola é um dos elementos mais simbólicos da obra *Memorial do Convento* e pretende transmitir uma importante crítica à sociedade portuguesa do século XVIII.

Esta invenção representa o desejo de liberdade, de progresso e de mudança, numa época marcada pela desigualdade social, pelo poder absoluto da monarquia e pela forte influência da Igreja.

A passarola surge como um símbolo de esperança e de superação dos limites impostos pela sociedade da época. Ao contrário da construção do convento, que representa a opressão e o esforço forçado do povo, a máquina voadora simboliza a criatividade, a ciência e o sonho. O facto de a passarola conseguir voar através das “vontades” humanas mostra que são os desejos e a força interior das pessoas que permitem alcançar algo maior. Com esta ideia, Saramago valoriza o povo, dando importância àqueles que normalmente eram esquecidos ou desvalorizados. As personagens Baltasar e Blimunda representam exatamente essa capacidade de acreditar num futuro diferente, mesmo perante tantas dificuldades. “Disse o padre, Dentro de nós existem vontade e alma, a alma retira-se com a morte, vai lá para onde as almas esperam o julgamento, ninguém sabe, mas a vontade, ou se separou do homem estando ele vivo, ou a separa dele a morte, é ela o éter, é portanto a vontade dos homens que segura as estrelas, é a vontade dos homens que Deus respira.”³³.

Além deste aspeto, através da passarola, o autor critica também o atraso na mentalidade e o extremismo religioso da sociedade portuguesa da época. Naquela altura, qualquer ideia nova ou diferente podia ser considerada perigosa pela Inquisição. O padre Bartolomeu de Gusmão, por defender a ciência e o conhecimento, acaba perseguido e incompreendido. Isto demonstra como a Igreja e o poder político controlavam o pensamento das pessoas, impedindo a liberdade de expressão e o desenvolvimento científico. No excerto seguinte, repleto de um tom irónico e crítico, verifica-se que a passarola é vista com estranheza e desconfiança por parte da corte, devido a uma sociedade muito controlada pelo conservadorismo. Isto mostra como as ideias novas eram facilmente transformadas em motivo de suspeita, em vez de serem valorizadas como avanço. “Meu querido rei, cá recebi a sua carta e nela vi tudo quanto tinha para me dizer, (...), também nunca mais ouvi falar da máquina voadora, talvez a tenha levado o padre Bartolomeu Lourenço para Espanha, quem sabe se a tem agora o rei de lá, que, segundo ouço dizer, vai ser seu compadre, acautele-se, com isto não enfado mais, lembranças à rainha, adeus, meu querido rei, adeus.”³⁴. Saramago mostra, desta forma, que o medo e a intolerância eram os principais obstáculos ao progresso da sociedade.

Por fim, a passarola pode ser vista como uma metáfora da liberdade humana. O voo representa a tentativa de fugir às injustiças, à pobreza e às limitações

³³ *Memorial do Convento*, p.136

³⁴ *Ibid*, p.318/319

impostas pelo poder. Apesar de todas as dificuldades, a máquina consegue levantar voo graças às vontades recolhidas por Blimunda, o que simboliza a união da força humana e da esperança: “não há melhor miradouro que este onde estamos, não faríamos ideia da grandeza da obra se o padre Bartolomeu Lourenço não tivesse inventado a passarola, a nós nos sustentam no ar as vontades que Blimunda juntou dentro das esferas de metal, lá em baixo outras vontades andam, presas ao globo terra pela lei da gravidade e da necessidade”³⁵

Assim, José Saramago utiliza este elemento da obra para fazer uma crítica à sociedade da época, denunciando as desigualdades, a exploração do povo e a falta de liberdade, ao mesmo tempo que valoriza os sonhos, o conhecimento e a capacidade humana de lutar por algo maior.

³⁵*Memorial do Convento* p.264

Conclusão

José Saramago recorre à passarola de maneira a destacar diversos temas. Esta assume um papel fundamental na obra *Memorial do Convento*, não só enquanto invenção idealizada por Bartolomeu Lourenço e criada juntamente com Baltasar e Blimunda, mas também como um símbolo de sonho, liberdade, superação e evolução. Sem a combinação dos pontos fortes de cada um dos três, isto nunca seria possível.

Ao longo de toda a obra, é possível ver a evolução e as várias fases da construção da passarola, desde a recolha das vontades à manutenção da máquina. Cada uma destas tem diferentes simbologias: o desejo de voar do Padre Bartolomeu representa o sonho e vontade de avançar; a sua construção está relacionada com a junção da ciência, da força e superação e da espiritualidade; a recolha das vontades, por outro lado, traduz a vontade do povo de mudar na época de opressão em que se vivia; o voo é uma forma de fugir ao Santo Ofício e da perseguição deste ao que é inovador e impossível de explicar; e por fim as visitas ao Monte Junto retratam a esperança de Baltasar e Blimunda de que o sonho não morra.

Devido à mentalidade retrógrada e reduzido desenvolvimento que existia na época, estes sentiram-se na obrigação de esconder a passarola, pois esta não seria bem vista pela sociedade. Esta crítica social é feita através de vários comentários irónicos, como por exemplo “se desta pobre terra de analfabetos, de rústicos, de toscos artífices não se podem esperar supremas artes e ofícios, encomendem-se à Europa, para o meu convento de Mafra, pagando-se, com o ouro das minhas minas e mais fazendas, os recheios e ornamentos, que deixarão, como dirá o frade historiador, ricos os artífices de lá, e a nós, vendo-os, aos ornamentos e recheios, admirados. De Portugal não se requeira mais que pedra, tijolo e lenha para queimar, e homens para a força bruta, ciência pouca.”³⁶, em que o autor explicita a forma como a sociedade se via a si própria, como “analfabetos”, “rústicos” e “toscos artífices”, que não eram capazes de fazer nada para além disso, demonstrando que esta era a principal razão para não existir avanço no país. Esta perceção era em grande parte incutida pelo poder absolutista e pelo clero, quer seja por a tratar desta forma, quer seja por não lhe proporcionar condições para evoluir. A construção da passarola pelos três personagens refuta esta ideia, sendo possível a mudança, caso se tente e se acredite nesta. Este elemento é utilizado pelo autor para valorizar o poder do povo e das vontades humanas, mostrando que são os sonhos e a esperança que permitem ao ser humano lutar contra as dificuldades e limitações impostas pela sociedade.

Assim, a passarola é um dos maiores símbolos da obra, representando a eterna vontade humana de alcançar liberdade, conhecimento e superação.

³⁶ *Memorial do Convento*, p.250/251

Bibliografia

1. Livros

SARAMAGO, José. Memorial do Convento. 64. ed. Lisboa: Porto Editora, 2024.

2. Sites e Artigos Online

Memorial do Convento: Bartolomeu de Gusmão e o sonho de voar, Aula 53, Estudo em Casa, 2021, Disponível em: <https://www.rtp.pt/play/estudoemcasa/p7907/e550195/portugues-12-ano>, Acesso em 10 mai. 2026

Memorial do Convento: O Poder de Blimunda e o voo da Passarola, Aula 54, Estudo em Casa, 2021, Disponível em: <https://www.rtp.pt/play/estudoemcasa/p7907/e550858/portugues-12-ano>, Acesso em 10 mai. 2026

Memorial do Convento: O voo da Passarola, Aula 55, Estudo em Casa, 2021, Disponível em: <https://www.rtp.pt/play/estudoemcasa/p7907/e551532/portugues-12-ano>, Acesso em 10 mai. 2026

Passarola, Wikipédia, 2024, Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Passarola>, Acesso em 30 Abr. 2026

Simbolismo e temas em *Memorial do Convento*, Studocu, 2022, Disponível em: <https://www.studocu.com/pt/document/agrupamento-de-escolas-de-vagos/portugues/memorial-do-convento/61460904>, Acesso em 21 Abr. 2026.

Anexo I

Durante a realização deste trabalho, foi elaborada uma recolha intensiva de citações da obra Memorial do Convento relacionadas com a Passarola, o sonho de voar e o simbolismo associado a este elemento da narrativa.

Este documento foi desenvolvido ao longo de várias semanas e serviu como base de apoio para a análise e interpretação dos temas abordados ao longo do trabalho, permitindo selecionar e organizar excertos relevantes da obra.

Incluímos, assim, o documento neste trabalho:

CAPÍTULO 6

- “Aquele que ali vem é o Padre Bartolomeu Lourenço, a quem chamam o Voador (...)” (página 63)
- “Agora me disse aquele meu amigo João Elvas que tendes apelido de Voador, padre, por que foi que vos deram tal nome, perguntou Baltasar. (...) Por que eu voei.” (página 66)
- “Pois eu fiz dois anos que voei, primeiro fiz um balão que ardeu, depois construí outro que subiu até ao teto duma sala do Paço, enfim outro que saiu por uma janela da Casa da Índia e ninguém tornou a ver, Mas voou em pessoa, ou só voaram os balões, Voaram os balões, foi o mesmo que ter voado eu, Voar balão não é voar homem, O homem primeiro tropeça, depois anda, depois corre, um dia voar, respondeu Bartolomeu Lourenço (...)” (página 66)
- “Tenho sido a risada da corte e dos poetas (...) mas el-rei acreditou na minha máquina e tem consentido que, na quinta do duque de Aveiro, a S. Sebastião da Pedreira, eu faça os meus experimentos. (página 67)
- “ (...) Padre Bartolomeu Lourenço, eu destas coisas não entendo, fui homem do campo, soldado deixei de ser, e não creio que alguém possa voar sem lhe terem nascido asas, quem o contrário disser, entende tanto disso como de lagares de azeite, Esse gancho que tens no braço não o inventaste tu, foi preciso que alguém tivesse a necessidade e a ideia, que sem aquela esta não ocorre, juntasse o couro e o ferro, e também estes navios que vês no rio, houve um tempo em que não tiveram velas, e outro tempo foi o da invenção dos remos, outro o do leme, e, assim como o homem bicho da terra, se faz marinheiro por necessidade, por necessidade se fará voador, Quem põe velas num barco está na água e na água fica, voar é sair da terra para o ar, onde não há chão que nos ampare os pés, Faremos como as aves, que tanto estão no céu como pousam na terra (...)” (página 67)
- “(...) Parece-me que estão na verdade aqueles que disseram que essa arte de voar se entendia mais com o Santo Ofício que com a geometria, se eu estivesse no vosso caso dobraria de cautelas, olhai que cárcere, degredado e fogueiro costumam ser a paga desses excessos (...)” (página 68)

- “(...) Vou a S. Sebastião da Pedreira ver a minha máquina, queres tu vir comigo (...)”
- “(...) Então é isto, e o padre Bartolomeu Lourenço respondeu, Há-de ser isto, e, abrindo uma arca, tirou um papel que desenrolou, onde se via o desenho de uma ave, a passarola seria, isso era Baltasar capaz de reconhecer, e porque à vista era o desenho um pássaro, acreditou que todos aqueles materiais, juntos e ordenados nos lugares competentes, seriam capazes de voar. (página 70)
- “...Isto que aqui vês são as velas ...e aqui é o leme ... e este é o corpo do navio dos ares ... e estas são as asas ... e destas esferas não te falarei, que são segredo meu, bastará que te diga que sem o que elas levarão dentro não voará a barca ... e neste tecto de arames penduramos umas bolas de âmbar ... e isto é a bússola ... e isto são roldanas...” (página 70)
- “E quando tudo estiver armado e concordante entre si, voarei. (página 71)
- “Queres tu vir ajudar-me, perguntou. Baltasar deu um passo atrás, estupefacto, Eu não sei nada, sou um homem do campo, mais do que isso só me ensinaram a matar, e assim como me acho, sem esta mão, Com essa mão e esse gancho podes fazer tudo quanto quiseses, e há coisas que um gancho faz melhor que a mão completa, um gancho não sente dores se tiver de segurar um arame ou um ferro, nem se corta, nem se queima, e eu te digo que maneta é Deus, e fez o universo.” (página 71)
- “Se Deus é maneta e fez o universo, este homem sem mão pode atar a vela e o arame que hão-de voar. “ (página 72)

CAPÍTULO 7

- “Por enquanto, faltando ao padre Bartolomeu Lourenço o dinheiro para comprar os ímanes que, na sua ideia, hão-de fazer voar a passarola, cujos, ainda por cima, terão de vir do estrangeiro, está Sete-Sóis no açougue do Terreiro do Paço, por empenho do mesmo padre, transportando ao lombo peças de carne variada...” (página 73)

CAPÍTULO 8

- “Eu posso olhar por dentro das pessoas. Sete-Sóis...” (página 81, capítulo 8)
- “... Vejo o que está dentro dos corpos, e às vezes o que está no interior da terra, vejo o que está por baixo da pele, e às vezes mesmo por baixo das roupas, mas só vejo quando estou em jejum, perco o dom quando muda o quarto da lua, mas volta logo a seguir, quem me dera que o não tivesse...” (página 82)

CAPÍTULO 9

- “Outro ferro anda agora no alforje de Sete-Sóis, é a chave da quinta do duque de Aveiro, que tendo vindo ao padre Bartolomeu Lourenço os falados ímanes, mas ainda não as substâncias de que faz segredo, podia enfim adiantar-se a construção da máquina de voar e pôr-se em obra material o contrato que fazia de Baltasar a mão direita do Voador.” (página 93)
- “... o padre Bartolomeu Lourenço que tem diante dos próprios olhos um maior pecado, seu aquele de orgulho e ambição de fazer levantar um dia aos ares, aonde até hoje apenas subiram Cristo a Virgem e alguns escolhidos santos.” (página 94)
- “Uma vez por outra, Blimunda levanta-se mais cedo, antes de comer o pão de todas as manhãs, e, deslizando ao longo da parede para evitar pôr os olhos em Baltasar afasta o pano e vai inspeccionar a obra feita, descobrir a fraqueza escondida do entrançado, a bolha de ar no interior do ferro, e, acabada a vistoria, fica enfim a mastigar o alimento, pouco a pouco se tornando tão cega como a outra gente que só pode ver o que à vista está.” (página 96)
- “... e que seria do padre Bartolomeu Lourenço se aqui entrassem os dominicanos que o sermão lhe encomendaram, e dessem com esta passarola, este maneta, esta feiticeira, este pregador a burilar palavras e talvez a esconder pensamentos, que esses não os veria Blimunda nem que jejuasse um ano inteiro.” (página 98)
- Recomeçou Baltasar a bater nos seus ferros, Blimunda varreu para o pátio os fragmentos de vime que não serviam, pelo empenho pareciam dois trabalhos urgentes, mas o padre disse de súbito, como quem não pode segurar mais uma preocupação, Assim nunca chegarei a voar, disse-o em voz cansada, e fez um gesto de tão fundo desânimo que Baltasar teve a instantânea percepção da inutilidade do que estava fazendo, por isso largou o martelo, mas querendo emendar o que podia ser tomado por renúncia, disse, Temos de construir aqui uma forja, temperar os ferros se não até o peso da passarola os fará vergar, e o padre respondeu, Não se me dá que verguem ou não o caso é que ela voasse, e assim não pode voar se lhe falta o éter, Que é isso, perguntou Blimunda, É o onde se suspendem as estrelas, E como se há-de ele trazer para cá, perguntou Baltasar, Pelas artes da alquimia, em que não sou hábil, mas sobre isto não dirão nunca uma palavra, suceda o que suceder, Então como faremos, Partirei leve para a Holanda, que é terra de muitos sábios, e lá aprenderei a arte de fazer descer o éter do espaço, de modo a introduzi-lo nas esferas, porque sem ele nunca a máquina voará, Que virtude é essa do éter, perguntou Blimunda, É ser parte da virtude geral que atrai os seres e os corpos, e até as coisas inanimadas, se os libertam do peso da terra, para o sol, Diga isso por palavras que eu perceba, padre, Para que a máquina se levante ao ar, é preciso que o sol atraia o âmbar que há-de estar preso nos arames do tecto, o qual, por sua vez, atrairá o éter que teremos introduzido dentro das esferas, o qual, por sua vez, atrairá os ímanes que estarão por baixo, os quais, por sua vez, atrairão as

lamelas de ferro de que se compõe o cavername da barca, e então subiremos ao ar, com o vento, ou com o sopro dos foles, se o vento faltar, mas torno a dizer, faltando o éter, falta-nos tudo. E Blimunda disse, Se o sol atrai o âmbar, e o âmbar atrai o éter, e o éter atrai o íman, e o íman atrai o ferro, a máquina irá sendo puxada para o sol, sem parar. Fez uma pausa e perguntou como se falasse consigo própria, Que será o sol por dentro. Disse o padre, Não iremos ter ao sol, para o evitar lá estarão as velas de cima, que podemos abrir e fechar à vontade, de sorte que pararemos na altura que quisermos. Fez uma pausa também, e rematou, Quanto a saber como será o sol por dentro, levante-se da terra a máquina e o resto virá por acréscimo, querendo nós e não o contrariando insuportavelmente Deus. (página 99)

- “A grande tristeza de Baltasar e Blimunda é não haver uma rede que possa ser lançada até às estrelas e trazer de lá o éter que as sustenta, conforme afirma o padre Bartolomeu Lourenço, que vai partir um destes dias e não sabe quando volta. A passarola, que parecia um castelo a levantar-se, é agora uma torre em ruínas, uma babel cortada a meio voo, cordas, panos, arames, ferros confundidos, nem sequer ficou a consolação de abrir a arca e contemplar o desenho, porque já o padre o leva na sua bagagem, amanhã partirá...” (página 102)
- “... Adeus Blimunda, adeus Baltasar, cuidem um do outro e da passarola, que eu voltarei um dia com o que vou buscar, não será ouro nem diamante, mas sim o ar que Deus respira, guardarás a chave que te dei, e como vão partir para Mafra, lembra-te de vir aqui de vez em quando ver como está a máquina, podes entrar e sair sem receio, que a quinta confiou-ma el-rei e ele sabe o que nela está, e tendo dito, montou na mula e partiu.” (página 103)

CAPÍTULO 10

- “Blimunda olhou para Baltasar e ambos viram no olhar do outro o mesmo pensamento, a passarola desfeita pelo chão, o padre Bartolomeu Lourenço a sair o portão da quinta, montado na mula, a caminho da Holanda. (página 112)

CAPÍTULO 11

- “Além da conversa das mulheres, são os sonhos que seguram o mundo na sua órbita. Mas são também os sonhos que lhe fazem uma coroa de luas, por isso o céu é o resplendor que há dentro da cabeça dos homens, se não é a cabeça dos homens o próprio e único céu.” (página 125)
- “Regressou o padre Bartolomeu Lourenço da Holanda, se sim ou não trouxe o segredo alquímico do éter, mais tarde o saberemos, ou não tem esse segredo que ver com alquimias de tempos passados, porventura uma simples palavra bastará para encher as esferas da máquina voadora, pelo

menos Deus não fez mais que falar e tudo com esse pouco se criou, assim ensinaram ao padre no seminário de Belém da Baía, assim lho confirmaram, por outras argumentações e estudos mais avançados, na Faculdade de Cânones de Coimbra, antes de fazer subir ao ar os seus balões primeiros, e, agora que chegou de terras holandesas, vai tornar a Coimbra, um homem pode ser grande voador, mas é-lhe muito conveniente que saia bacharel, licenciado e doutor, e então, ainda que não voe, o consideram.” (página 125)

- “Bartolomeu Lourenço foi à quinta de S. Sebastião da Pedreira, três anos inteiros haviam passado desde que partira, estava a abegoaria em abandono, dispersos pelo chão os materiais que não valera a pena arrumar, ninguém adivinharia o que ali se andara perpetrando. Dentro do casarão esvoaçavam pardais, tinham entrado por um buraco do telhado, duas telhas partidas, ínfimas aves aquelas que nunca voariam mais alto que o mais alto freixo da quinta, o pardal é uma ave da terra e do terriço, do estrume e da seara, e quando morto se percebe que não poderia voar alto, tão frágil de asas, tão mesquinho de ossos, ao passo que esta minha passarola voará até onde cheguem olhos, veja-se o fortíssimo arcaboço da concha que me há-de levar, com o tempo enferrujaram os ferros, mau sinal, não parece que Baltasar aqui tenha vindo como lhe recomendei tanto, mas é verdade que veio, por estes sinais de pés descalços, não trouxe Blimunda...” (página 126)
- “Passadas algumas semanas, com todas as disposições, licenças e matriculações necessárias, partiu o padre Bartolomeu Lourenço para Coimbra, cidade tão ilustre, de tão velhos sábios...” (página 127)
- “Foi Blimunda quem veio abrir a porta. Estava escurecendo a tarde, mas ela reconheceu o vulto do padre que desmontava, quatro anos não é tanto tempo assim, beijou-lhe a mão, não andassem por ali vizinhos curiosos e seria diferente a saudação, que estes dois, estes três, quando estiver Baltasar, têm razões do coração que os governam, e, em tantas noites passadas, uma terá havido, pelo menos, em que sonharam o mesmo sonho, viram a máquina de voar batendo as asas, viram o sol explodindo em luz maior, e o âmbar atraindo o éter, o éter atraindo o íman, o íman atraindo o ferro, todas as coisas se atraem entre si, a questão é saber colocá-las na ordem justa, e então se quebrará a ordem...” (página 130)
- “Dize a Blimunda que não coma, e assim lhe foi dito a ela, murmurado ao ouvido, quando já estavam deitados, para que não os ouvissem os velhos, para mistério bastava.” (página 133)
- “Diz o padre Bartolomeu Lourenço ... na Holanda soube o que é o éter, não é aquilo que geralmente se julga e ensina, e não se pode alcançar pelas artes da alquimia, para ir buscá-lo lá onde ele está, no céu, teríamos nós de voar e ainda não voamos, mas o éter, dêem agora muita atenção ao que vou dizer-lhes, antes de subir aos ares para ser o onde as estrelas se suspendem e o ar que Deus respira, vive dentro dos homens e das mulheres, Nesse caso, é a alma, concluiu Baltasar, Não é, também eu, primeiro, pensei que fosse a alma, também pensei que o éter, afinal, fosse formado pelas almas

que a morte liberta do corpo, antes de serem julgadas no fim dos tempos e do universo, mas o éter não se compõe das almas dos mortos, compõe-se, sim, ouçam bem, das vontades dos vivos.” (página 134)

- “Disse o padre, Dentro de nós existem vontade e alma, a alma retira-se com a morte, vai lá para onde as almas esperam o julgamento, ninguém sabe, mas a vontade, ou se separou do homem estando ele vivo, ou a separa dele a morte, é ela o éter, é portanto a vontade dos homens que segura as estrelas, é a vontade dos homens que Deus respira, E eu que faço, perguntou Blimunda, mas adivinhava a resposta, Verás a vontade dentro das pessoas Nunca a vi, tal como nunca vi a alma, Não vês a alma porque a alma não se pode ver, não vias a vontade porque não a procuravas, Como é a vontade, E uma nuvem fechada, Que é uma nuvem fechada, Reconhecê-la-ás quando a vires, experimenta com Baltasar, para isso viemos aqui, Não posso, jurei que nunca o veria por dentro, Então comigo. Blimunda levantou a cabeça, olhou o padre, viu o que sempre via, mais iguais as pessoas por dentro do que por fora, só outras quando doentes, tornou a olhar, disse, Não vejo nada. O padre sorriu, Talvez que eu já não tenha vontade, procura melhor, Vejo, vejo uma nuvem fechada sobre a boca do estômago. O padre persignou-se, Graças, meu Deus, agora voarei. Tirou do alforge um frasco de vidro que tinha presa ao fundo, dentro, uma pastilha de âmbar amarelo, Este âmbar, também chamado electro, atrai o éter, andarás sempre com ele por onde andarem pessoas, em procissões, em autos-de-fé, aqui nas obras do convento, e quando vires que a nuvem vai sair de dentro delas, está sempre a suceder, aproxima o frasco aberto, e a vontade entrará nele, E quando estiver cheio, Tem uma vontade dentro, já está cheio, mas esse é o indecifrável mistério das vontades, onde couber uma, cabem milhões, o um é igual ao infinito, E que faremos entretanto, perguntou Baltasar, Vou para Coimbra, de lá, a seu tempo, mandarei recado, então irão os dois para Lisboa, tu construirás a máquina, tu recolherás as vontades, encontrar-nos-emos os três quando chegar o dia de voar, abraço-te Blimunda, não me olhes tão de perto, abraço-te Baltasar, até à volta. Montou a mula e começou a descer a ladeira. O sol aparecera por cima dos cabeços. Come o pão, disse Baltasar, e Blimunda respondeu, Ainda não, primeiro vou ver a vontade daqueles homens.” (página 136)

CAPÍTULO 12

- “Pontualmente escrevera o padre Bartolomeu Lourenço quando se instalou em Coimbra, notícia só de ter chegado e bem, mas agora viera uma nova carta, que sim, seguissem para Lisboa tão cedo pudessem, que ele, aliviando o estudo, os iria visitar, tanto mais que tinha obrigações eclesiásticas na corte, e então se aconselhariam na obra magna em que estavam ocupados, E agora digam-me cá, como vamos nós de vontades, pergunta inocente, parecia que se informava das vontades deles, quando das outras é que

queria saber, e dos que as perdiam, mas dizia-o sem contar com a resposta...” (página 149)

- “Quando o tempo levantou, passada uma semana, partiram Baltasar Sete-Sóis e Blimunda Sete-Luas para Lisboa, na vida tem cada um sua fábrica, estes ficam aqui a levantar paredes, nós vamos a tecer vimes, arames e ferros, e também a recolher vontades, para que com tudo junto nos levantemos, que os homens são anjos nascidos sem asas, é o que há de mais bonito, nascer sem asas e fazê-las crescer, isso mesmo fizemos com o cérebro, se a ele fizemos, a elas faremos, adeus minha mãe, adeus meu pai.” (página 148)
- “Entraram Baltasar e Blimunda na quinta, na abegoaria, e enfim começou a chuva a cair, e como havia algumas telhas partidas, a água escorria em fio por ali, discretamente, apenas murmurando, Cá estou, chegaram bem. E quando Baltasar se aproximou da concha voadora e lhe tocou, rangeram os ferros, e os arames, é mais difícil saber o que quereriam dizer.” (página 151)

CAPÍTULO 13

- “Enferrujam-se os arames e os ferros, cobrem-se os panos de mofo, destrança-se o vime ressequido, obra que em meio ficou não precisa envelhecer para ser ruína. Baltasar deu duas voltas à máquina voadora, nada contente de ver o que via, com o gancho do braço esquerdo puxou violentamente o esqueleto metálico, ferro contra ferro, a provar-lhe a resistência, e era pouca, Parece-me que melhor será desmanchar tudo e começar outra vez, Desmanchar, sim, respondeu Blimunda, mas, sem que venha o padre Bartolomeu Lourenço, não vale a pena pegares no trabalho (...)” (página 153)
- “Disse Blimunda, Enquanto o padre Bartolomeu Lourenço não chega, construímos aqui a forja, E como iremos fazer o fole, Vais a um ferreiro, vê como é feito, se à primeira não sair bem, sairá à segunda, se não conseguires à segunda, conseguirás à terceira, ninguém espera por nós para fazermos outra coisa que não seja isto, Não seria preciso tanto trabalho, com o dinheiro que o padre nos deixou compraríamos o fole, E alguém haveria de querer saber para que quererá Baltasar Sete-Sóis um fole, se não é ferreiro nem ferrador, melhor é que o faças tu, nem que tenhas de teimar cem vezes.” (página 154)
- “Embora para esta diligência se não necessitassem visões duplas, Blimunda tinha mais rigor no olhar, mais precisão no traço, e não errava tão desastrosamente no que tocava às proporções das diferentes partes da obra. Com o dedo molhado no azeite fuliginoso do candil, desenhou na parede as várias peças, o couro segundo o corte que convinha, o bico por onde saíria o vento, a parte inferior e fixa de madeira, a outra parte articulada, só faltava um boneco a dar ao fole. Num canto afastado dispuseram pedras regulares, formando

com elas quatro muros em quadrado, à altura do quadril de um homem, e escoraram-nos com arames que iam de lado a lado, por dentro e por fora cingiam toda a construção, que depois encheram de terra e pedra miúda.” (página 154)

- “Quantas vontades recolheste até hoje, Blimunda, perguntou o padre nessa noite, quando ceavam, Não menos de trinta, disse ela, É pouco, e as mais são de homem ou de mulher, tornou a perguntar, As mais são de homem, parece que as vontades das mulheres resistem a separar-se do corpo, porque será. A isto não respondeu o padre (...)” (página 155)
- “Falemos agora a sério, disse o padre Bartolomeu Lourenço, sempre que puder aqui virei, mas a obra só pode adiantar-se com o trabalho de ambos, foi bom terem construído a forja, eu arranjarei modo de alcançar um fole para ela, não te hás-de fatigar com essa canseira, porém terás de o observar muito bem porque vai ser preciso fazer os foles grandes, de que te darei o risco, para a máquina, faltando o vento na atmosfera trabalharão os foles e voaremos, e tu, Blimunda, lembra-te de que são precisas pelo menos duas mil vontades, duas mil vontades que tiverem querido soltar-se por as não merecerem as almas, ou os corpos as não merecerem, com essas trinta que aí tens não se levantaria o cavalo Pégaso apesar de ter asas, pensem como é grande a terra que pisamos, ela puxa os corpos para baixo, e sendo o sol tão maior como é, mesmo assim não leva a terra para si, ora, para que nós voemos na atmosfera serão precisas as forças concertadas do sol, do âmbar, dos ímanes e das vontades, mas as vontades são, de tudo, o mais importante, sem elas não nos deixaria subir a terra (...)” (página 155)
- “ (...) se queres recolher vontades, Blimunda, vai à procissão do Corpo de Deus, em tão numerosa multidão não hão-de ser poucas as que se retirem, porque as procissões, bom é que o saibam, são ocasiões em que as almas e os corpos se debilitam, a ponto de não serem capazes, sequer, de segurar as vontades (...)” (página 156)
- “Disse Baltasar, E a máquina de voar, como a farei, Como a tínhamos começado, a mesma ave grande que está no meu risco, e estas são as partes de que se compõe, aqui te fica este outro desenho com as indicações dos tamanhos das diferentes peças, irás construindo de baixo para cima, como se estivesses a fazer um navio, entrançarás o vime e o ferro, imagina que estás ligando penas a ossos, já te disse, virei sempre que puder, para comprares o ferro irás a este lugar, procurarás nos vimiais do termo o vime de que precisas, e ao açougue irás comprar as peles para os foles da máquina, eu te direi como deverás curti-las e cortá-las, esses desenhos que Blimunda fez são bons para foles de forja, não para foles de voar, e tens aqui mais este dinheiro, comprarás um burro, sem ele como transportarias todos os materiais necessários, e também mercarás uns ceirões grandes, mas haverás sempre à mão ervas ou palhas para que possas esconder o que trouxeres dentro deles, lembrem-se de que toda esta nossa obra terá de ser feita em absoluto segredo, não o podem saber nem parente nem amigo,

amigos mais que nós três não há, e se alguém aí vier com perguntas, dirão que estão a guardar a quinta por ordem de el-rei, e que perante el-rei o responsável sou eu, padre Bartolomeu Lourenço de Gusmão.” (página 157)

- “Tornou o padre aos estudos, já bacharel, já licenciado, doutor não tarda, enquanto Baltasar chega os ferros à forja e os tempera na água, enquanto Blimunda raspa as peles trazidas do açougue, enquanto ambos cortam o vime e trabalham à bigorna, segurando ela a lamela com a tenaz, batendo ele com o malho, e têm de entender-se muito bem para que não se perca nenhuma pancada, ela apresentando o ferro rubro, ele desferindo o golpe certo, em força e direcção, nem precisam falar.” (página 158)
- “Assim foi o Inverno passando, assim a Primavera, algumas vezes veio o padre a Lisboa, chegava, guardava na arca as esferas de âmbar amarelo que trazia sem dizer donde, perguntava das vontades, olhava por todos os lados a máquina que ia ganhando dimensão e forma, a ponto de exceder o que era quando Baltasar a desmanchou, enfim dava conselhos e avisos, e regressava a Coimbra (...)” (página 158)
- (...) Também não se irão furtar vontades. É tempo de lua nova, Blimunda não tem por agora mais olhos que os de toda a gente, tanto lhe faria jejuar como comer, e isto lhe dá paz e alegria, deixar que as vontades façam o que quiserem, ficar no corpo ou partir, seja este o meu descanso (...)” (página 160)
- “Amanhã Blimunda terá os seus olhos, hoje é dia de cegueira.” (página 171)

CAPÍTULO 14

- “Já o padre Bartolomeu Lourenço regressou de Coimbra, já é doutor em cânones, confirmado de Gusmão por apelativo onomástico e firma escrita (...)” (página 173)
- “Mora o padre cerca do paço, e ainda bem, pois muito o frequenta, não tanto por obrigações firmes do seu título de capelão fidalgo, mais honorífico que efectivo mas por lhe querer bem el-rei, que ainda não perdeu de todo as esperanças, e já vão onze anos passados, por isso pergunta, benévolo, Verei voar a máquina um dia, ao que o padre Bartolomeu Lourenço, honestamente, não pode responder mais do que isto, Saiba vossa majestade que a máquina um dia voará, Mas estarei cá para ver, Viva vossa majestade nem tanto quanto viveram os antigos patriarcas do Testamento velho, e não só verá voar a máquina, como nela voará.” (página 174)
- “(...) Disseram-me, padre Bartolomeu de Gusmão, que por obra dessas mãos se levantou ao ar um engenho e voou, Disseram a verdade do que então viram, depois ficaram cegos para a verdade que a primeira escondeu, Gostaria de entender melhor, Há doze anos que isso foi, desde então a verdade mudou muito, Repito que gostaria de entender, Que é um segredo, A essa pergunta responderei que, quanto imagino, só a música é aérea, Então iremos amanhã a ver um segredo.” (página 181)

- “ (...) Boas tardes, Baltasar, trouxe hoje comigo um visitante a ver a máquina, Quem é esse, Uma pessoa do paço, Não pode ser el-rei, Um dia ele virá, ainda há poucos dias me chamou de parte para me perguntar quando veria voar a máquina, é outra a pessoa que veio, Ficarà a saber o que era de tanto segredo, afinal não foi essa a nossa combinação, para que nos calámos durante tantos anos, Eu é que sou o inventor da passarola, eu decido do que convém, Mas somos nós quem a está construindo, se quiser podemos ir-nos embora, Baltasar, não te saberei explicar, mas sinto que a pessoa que trago é de grande confiança, por ela poria as mãos no fogo ou deixaria a alma como penhor.” (página 182)
- “Na sua frente estava uma ave gigantesca, de asas abertas, cauda em leque, pescoço comprido, a cabeça ainda em toscos, por isso não se sabia se viria a ser falcão ou gaivota, É este o segredo, perguntou, Este é, até hoje de três pessoas, agora de quatro (...)” (página 183)
- “Domenico Scarlatti aproximou-se da máquina, que se equilibrava sobre uns espeques laterais, pousou as mãos numa das asas como se ela fosse um teclado, e, singularmente, toda a ave vibrou apesar do seu grande peso, cavername de madeira, lamelas de ferro, vime entrançado, se houver forças que façam levantar isto, então ao homem nada é impossível (...)” (página 183)
- “Disse o padre Bartolomeu Lourenço, Não irei revelar o segredo último do voo, mas, tal como escrevi na petição e memória, toda a máquina se moverá por obra de uma virtude atractiva contrária à queda dos graves, se eu largar este caroço de cereja, ele cai para o chão, ora, a dificuldade está em encontrar o que o faça subir, E encontrou, O segredo descobri-o eu, quanto a encontrar, colher e reunir é trabalho de nós três, É uma trindade terrestre, o pai, o filho e o espírito santo (...)” (página 185)
- “À despedida disse, Senhor Scarlatti, quando o enfadar o paço, lembre-se deste lugar, Lembrarei, por certo, e, se com isso não perturbar o trabalho de Baltasar e Blimunda, trarei para cá um cravo e tocarei para eles e para a passarola, talvez a minha música possa conciliar-se dentro das esferas com esse misterioso elemento.” (página 186)

CAPÍTULO 15

- “Caso é para perguntarmos, nós que da verdade conhecemos parte maior, que outras atoadoras vozes ou mais terríveis silêncios responderiam às palavras que as estrelas ouviram na quinta do duque de Aveiro, enquanto Baltasar e Blimunda, cansados, dormiam, e a passarola, na escuridão da abegoaria, esforçava todos os ferros para entender o que estava dizendo lá fora o seu criador.” (página 192)
- “A música é outra coisa. Domenico Scarlatti trouxe para a abegoaria um cravo, não o carregou ele, mas dois mariolas a pau, corda, chinguiço, e muito suor da testa, desde a Rua Nova dos Mercadores, onde foi comprado, até S.

Sebastião da Pedreira, onde seria ouvido, veio Baltasar com eles para indicar o caminho outra ajuda lhe não requereram, que este transporte não se faz sem ciência e arte, distribuir o peso, combinar as forças como na pirâmide da Dança da Bica, aproveitar o molejo das cordas e do pau para ritmar a passada, enfim, segredos de ofício que tanto valem como outros, e cuida cada qual que os do seu são máximos.” (página 193)

- “O cravo foi deixado pelos galegos do lado de fora do portão, não faltava mais nada verem eles a máquina de voar, e para a abegoaria o levaram, com grande esforço, Baltasar e Blimunda, não tanto pelo peso, mas por lhes faltarem arte e ciência, sem contar que as vibrações das cordas pareciam queixumes magoados e por causa deles se lhes apertava o coração, também duvidoso e assustado de tão extrema fragilidade.” (página 193)
- “Nessa mesma tarde veio Domenico Scarlatti, ali se sentou a afinar o cravo, enquanto Baltasar entranchava vimes e Blimunda cosia velas, trabalhos calados que não perturbavam a obra do músico. E tendo concluído a afinação, ajustado os saltarelos que o transporte havia desacertado, verificado as penas de pato uma por uma, Scarlatti pôs-se a tocar, primeiro deixando correr os dedos sobre as teclas, como se soltasse as notas das suas prisões, depois organizando os sons em pequenos segmentos, como se escolhesse entre o certo e o errado, entre a forma repetida e a forma perturbada, entre a frase e o seu corte, enfim articulando em discurso novo o que parecera antes fragmentário e contraditório.” (página 193)
- “Ao fim de uma hora levantou-se Scarlatti do cravo, cobriu-o com um pano de vela, e depois disse para Baltasar e Blimunda, que tinham interrompido o trabalho, Se a passarola do padre Bartolomeu de Gusmão chegar a voar um dia, gostaria de ir nela e tocar no céu, e Blimunda respondeu, Voando a máquina, todo o céu será música, e Baltasar, lembrando-se da guerra, Se não for inferno todo o céu. Não sabem, estes dois, ler nem escrever, e contudo dizem coisas assim, impossíveis em tal tempo e em tal lugar, se tudo tem a sua explicação, procuremos esta, se agora a não encontrarmos, outro dia será.” (página 194)
- “(...) quando o padre Bartolomeu Lourenço chegar à quinta de S. Sebastião da Pedreira e disser, Blimunda, está Lisboa atormentada de uma grande doença, morrem pessoas em todas as casas, lembrei-me de que não teremos melhor ocasião para recolher as vontades dos moribundos, se as conservam ainda, mas é meu dever avisar-te de que correrás grandes perigos, não vais se não quiseres, nem eu te obrigaria, ainda que obrigar-te estivesse na minha mão (...) Irás, perguntou o padre, Irei, respondeu ela, Mas não sozinha, disse Baltasar.” (página 195)
- “Entre S. Sebastião da Pedreira e a Ribeira entrou Blimunda em trinta e duas casas, colheu vinte e quatro nuvens fechadas, em seis doentes já as não havia, talvez as tivessem perdido há muito tempo, e as restantes duas estavam tão agarradas ao corpo que, provavelmente, só a morte as seria capaz de arrancar de lá. Em cinco outras casas que visitou, já não havia

vontade nem alma, apenas o corpo morto, algumas lágrimas ou muito alarido.” (página 196)

- “Passado um mês, calcularam ter guardado no frasco um milheiro de vontades, força de elevação que o padre supunha ser bastante para uma esfera, com o que segundo frasco foi entregue a Blimunda.” (pág 199)
- “Quando a epidemia terminou, já iam rareando os casos mortais e de repente passara-se a morrer doutra coisa, havia, bem contadas, duas mil vontades nos frascos.” (página 200)
- “Então, Blimunda caiu doente. Não tinha dores, febre não se lhe sentia, apenas uma extrema magreza, uma palidez profunda que lhe tornava transparente a pele” (página 200)
- “Nessa noite, Domenico Scarlatti ficou na quinta, tocando horas e horas , até de madrugada, já Blimunda estava de olhos abertos, corriam-lhe devagar as lágrimas” (página 202)
- “O destino chega sempre, disse Baltasar, não ter morrido Blimunda foi meu e nosso bom destino, e agora que faremos, se já lá vai a doença, se estão recolhidas as vontades, se está acabada a máquina. se não há mais ferros a bater, nem velas a coser e embrear, nem vimes a entrançar, se com o âmbar amarelo que temos se poderão fazer tantas bolas quantas vezes se cruzam os arames do tecto, se está pronta a cabeça da ave, não é gaivota, mas parece-se, se enfim se concluiu o nosso trabalho, qual será o destino dele e de nós, padre Bartolomeu Lourenço.”(pág 204)
- “O padre tornou-se mais pálido, olhou em redor como se temesse que alguém estivesse ouvindo, depois respondeu, Terei de informar el-rei de que a máquina está construída, mas antes haveremos de experimentá-la, não quero que tornem a rir-se de mim, como há quinze anos fizeram, agora voltem para a quinta, breve lá irei.” (pág 204)
- “Afastaram-se os dois alguns passos, depois Blimunda parou, Está doente, padre Bartolomeu Lourenço, tem a cara branca, os olhos pisados, nem ficou contente por saber a notícia, Fiquei, Blimunda, fiquei, mas as notícias do destino são sempre meias notícias, o que vem amanhã é que conta, hoje é sempre nada, Deite-nos a sua bênção, padre, Não posso, não sei em nome de que Deus a deitaria, abençoem-se antes um ao outro, é quanto basta, pudessem ser todas as bênçãos como essa.” (pág 205)

CAPÍTULO 16

- “Afinal, sempre há justiça neste mundo, e por causa de haver ela vai ter agora el-rei de restituir ao duque de Aveiro todos os bens, que a nós importam pouco, incluindo a quinta de S Sebastião da Pedreira, chave, poço, pomar e palácio, que ao padre Bartolomeu Lourenço não importam muito, o pior é a abegoaria. Mas, não vindo juntos todos os males, chegou a sentença em bom tempo, pois está rematada e pronta a máquina de voar, já podem ser dadas contas a el-rei, que tantos anos esperou sem que se lhe alterasse a

real paciência, sempre afável de modos, sempre benévolo, porém agora está o padre naquela conhecida situação do criador que não pode separar-se da criatura, do sonhador que vai perder o sonho, Voando a máquina, que vou eu fazer depois, é certo que lhe não faltam ideias de invenção, o carvão feito de lama e mato, um novo modo de moer para os engenhos do açúcar, mas a passarola é que é a suprema invenção, jamais haverá asas que igualem estas, excepto, poderosas mais que todas, as que nunca chegam a ser sujeitas à prova do voo.” (página 209)

- “Mas o padre diz que não, que falará a el-rei por estes dias, far-se-á então a prova da máquina, e, correndo bem tudo, como se espera, para todos haverá glória e proveito, a fama levará a todas as partes do mundo notícia do feito português, com a fama virá a riqueza, O que meu for é de nós três, sem os teus olhos, Blimunda, não haveria passarola, nem sem a tua mão direita e a tua paciência, Baltasar. Mas o padre anda inquieto, dir-se-ia que não crê no que diz, ou tem o que diz tão pouco ‘valor que não lhe alivia outras inquietações, por isso Blimunda pergunta, em voz muito baixa, é noite, a forja está apagada, a máquina ainda ali continua, mas parece ausente, Padre Bartolomeu Lourenço, de que é que tem medo, e o padre, assim interpelado directamente, estremece, levanta-se agitado, vai até à porta, olha para fora, e, tendo voltado, responde em voz baixa, Do Santo Ofício.” (página 209/210)
- “Não é pecado, que eu saiba, nem heresia, querer voar, ainda há quinze anos voou um balão no paço e daí não veio mal, Um balão é nada, respondeu o padre, voe agora a máquina e talvez que o Santo Ofício considere que há arte demoníaca nesse voo, e quando quiserem saber que partes fazem navegar a máquina pelos ares, não poderei responder-lhes que estão vontades humanas dentro das esferas, para o Santo Ofício não há vontades, há só almas, dirão que as mantemos presas, a almas cristãs, e as impedimos de subir ao paraíso, bem sabem que, querendo o Santo Ofício, são são más todas as razões boas, e boas todas as razões más, e quando umas e outras falem, lá estão os tormentos da água e do fogo, do potro e da polé, para fazê-las nascer do nada e à discrição, Mas, estando el-rei do nosso lado, o Santo Ofício não irá contra o gosto e a vontade de sua majestade, El-rei, sendo caso duvidoso, só fará o que o Santo Ofício lhe disser que faça.” (página 210)
- “Agosto acabou, Setembro vai em meio, já andam as aranhas a tecer os seus fios na passarola, levantando velas suas, acrescentando asas, o cravo do senhor Escarlata ao tempo que não toca, não há lugar mais triste no mundo que S. Sebastião da Pedreira. A estação arrefeceu, o sol esconde-se por muitas horas, como se há-de fazer a prova da máquina estando o céu coberto, se o padre Bartolomeu Lourenço se esqueceu de que sem sol não se levantará do chão a máquina e aparece aí com el-rei, será a pior das vergonhas, capaz de pintar a minha cara de preto. Não veio el-rei, não veio o padre, ...” (página 211)

- “O padre Bartolomeu Lourenço entrou violentamente na abegoaria, vinha pálido, lívido, cor de cinza, como um ressuscitado que já fosse apodrecendo, Temos de fugir, o Santo Ofício anda à minha procura, querem prender-me, onde estão os frascos. Blimunda abriu a arca, retirou umas roupas, Estão aqui, e Baltasar perguntou, Que vamos fazer. O padre tremia todo, mal podia sustentar-se de pé, Blimunda amparou-o, Que faremos, repetiu, e ele gritou, Vamos fugir na máquina, depois, como subitamente assustado, murmurou quase inaudivelmente, apontando a passarola, Vamos fugir nela, Para onde, Não sei, o que é preciso é fugir daqui. Baltasar e Blimunda olharam-se demoradamente, Estava escrito, disse ele, Vamos, disse ela.” (página 211/212)
- “São duas horas da tarde e há tanto trabalho a fazer, não se pode perder um minuto, retirar as telhas, cortar as ripas e os barrotes que não puderem ser arrancados, mas antes disso colocar as bolas de âmbar nos cruzamentos dos arames, abrir as velas superiores para que a luz do sol não caia cedo de mais sobre a máquina, transferir para as esferas as duas mil vontades, mil deste lado, mil daquele, não vão puxar umas mais que outras, com perigo de dar a máquina uma cambalhota no ar, se tiver de dá-la, que seja por razões que não podíamos prever. Tanto trabalho ainda, e tão pouco o tempo. Baltasar já está no telhado, retirando as telhas e lança-as para baixo, vai um estrilho de cacos em redor da abegoaria, e o padre Bartolomeu Lourenço conseguiu vencer a prostração em que estava, e usa as suas fracas forças para arrancar, de dentro, as ripas mais delgadas, que os barrotes requerem um vigor que lhe falta, esses vão ter de esperar, enquanto Blimunda, calma como se em toda a sua vida não tivesse feito mais que voar, verifica o estado das velas, se o breu está espalhado por igual, e reforça algumas bainhas.” (página 212)
- “E agora que farás tu, Anjo Custódio, nunca tão necessário foste desde que te nomearam para esse lugar, aqui tens estes três que não tarda se erguerão aos ares, lá aonde nunca foram homens, e precisam de quem os proteja, eles por eles já fizeram quanto podiam, reuniram os materiais e as vontades, conjugaram o sólido e o evanescente, juntaram tudo à sua própria ousadia, estão prontos, é só acabar de tirar este telhado, fechar as velas, deixar entrar o sol, e adeus, cá vamos, se tu, Anjo Custódio, não ajudares ao menos um pouquinho, não és anjo nem coisa nenhuma, claro está que não faltam santos invocáveis, mas nenhum é, como tu, aritmético, tu sim, que sabes as treze palavras, e de uma a treze, sem falha, as enumeras, e sendo esta uma obra que requer todas as geometrias e matemáticas que se puderem reunir, podes começar já pela primeira palavra, que é a Casa de Jerusalém onde Jesus Cristo morreu por todos nós, é o que dizem, e agora as duas palavras, que são as duas Tábuas de Moisés onde Jesus Cristo pôs os pés, é o que dizem, e agora as três palavras, que são as três pessoas da Santíssima Trindade, é o que dizem, e agora as quatro palavras, que são os quatro evangelistas, João, Lucas, Marcos e Mateus, é o que dizem, e agora as cinco

palavras, que são as cinco chagas de Jesus Cristo, é o que dizem, e agora as seis palavras, que são os seis círios bentos que Jesus Cristo teve no seu nascimento, é o que dizem, e agora as sete palavras, que são os sete sacramentos, é o que dizem, e agora as oito palavras, que são as oito bem-aventuranças, é o que dizem, e agora as nove palavras, que são os nove meses que Nossa Senhora trouxe o seu bendito filho no seu puríssimo ventre, é o que dizem, e agora as dez palavras, que são os dez mandamentos da lei de Deus, é o que dizem, e agora as onze palavras, que são as onze mil virgens, é o que dizem, e agora as doze palavras, que são os doze apóstolos, é o que dizem, e agora as treze palavras, que são os treze raios que tem a lua, e isto sim, não é preciso que o digam, porque pelo menos está Sete-Luas aqui, é aquela mulher que tem na mão um frasco de vidro, cuida dela, Anjo Custódio, se se parte o vidro, lá se vai a viagem e não poderá fugir aquele padre que pelos modos parece louco, cuida também do homem que está no telhado, falta-lhe a mão esquerda, foi culpa tua, estavas desatento lá na batalha, talvez ainda não soubesses bem a tua tabuada.” (página 212/213)

- “São quatro horas da tarde, a abegoaria é só paredes, parece imensa, a máquina de voar ao meio, a forja minúscula cortada por uma faixa de sombra, no outro extremo o canto da enxerga onde durante seis anos dormiram Baltasar e Blimunda, a arca já não está, transportaram-na para dentro da passarola, que mais nos falta, os alforjes, alguma comida, e o cravo, que se há-de fazer do cravo, pois que fique, são egoísmos que devemos compreender e desculpar, tanta é a aflição, nenhum destes três se lembra de que, ficando o cravo, as justiças eclesiásticas e seculares hão-de sentir despertar a curiosidade, porquê e para quê está aqui um instrumento tão pouco adequado ao sítio, e se foi um tufão que arrancou as telhas e o travejamento, como é possível que não tenha destruído o cravo, tão delicado que até mesmo a ombro de carregadores se lhe desacertaram os saltarelos, Não tocará o senhor Escarlata no céu, disse Blimunda.” (página 214)
- “Agora, sim, podem partir. O padre Bartolomeu Lourenço olha o espaço celeste descoberto, sem nuvens, o sol que parece uma custódia de ouro, depois Baltasar que segura a corda com que se fecharão as velas, depois Blimunda, prouvera que adivinhassem os seus olhos o futuro, Encomendemo-nos ao Deus que houver, disse-o num murmúrio, e outra vez num sussurro estrangulado, Puxa, Baltasar, não o fez logo Baltasar, tremeu-lhe a mão, que isto será como dizer Fiat, diz-se e aparece feito, o quê, puxa-se e mudamos de lugar, para onde. Blimunda aproximou-se, pôs as duas mãos sobre a mão de Baltasar, e, num só movimento, como se só desta maneira devesse ser, ambos puxaram a corda. A vela correu toda para um lado, o sol bateu em cheio nas bolas de âmbar, e agora, que vai ser de nós. A máquina estremeceu, oscilou como se procurasse um equilíbrio subitamente perdido, ouviu-se um rangido geral, eram as lamelas de ferro, os vimes entrançados, e de repente, como se a aspirasse um vórtice luminoso,

girou duas vezes sobre si própria enquanto subia, mal ultrapassara ainda a altura das paredes, até que, firme, novamente equilibrada, erguendo a sua cabeça de gaivota, lançou-se em flecha, céu acima. Sacudidos pelos bruscos volteios, Baltasar e Blimunda tinham caído no chão de tábuas da máquina, mas o padre Bartolomeu Lourenço agarrara-se a um dos prumos que sustentavam as velas, e assim pôde ver afastar-se a terra a uma velocidade incrível, já mal se distinguia a quinta, logo perdida entre colinas, e aquilo além, que é, Lisboa, claro está, e o rio, oh, o mar, aquele mar por onde eu, Bartolomeu Lourenço de Gusmão, vim por duas vezes do Brasil, o mar por onde viajei à Holanda, a que mais continentes da terra e do ar me levarás tu, máquina, o vento ruge-me aos ouvidos, nunca ave alguma subiu tão alto se me visse el-rei, se me visse aquele Tomás Pinto Brandão que se riu de mim em verso, se o Santo Ofício me visse, saberiam todos que sou filho predilecto de Deus, eu sim, eu que estou subindo ao céu por obra do meu génio, por obra também dos olhos de Blimunda, se haverá no céu olhos como eles, por obra da mão direita de Baltasar, aqui te levo, Deus um que também não tem a mão esquerda, Blimunda, Baltasar, venham ver, levantem-se daí, não tenham medo.” (página 214/215)

- “Não tinham medo, estavam apenas assustados com a sua própria coragem. O padre ria, dava gritos, deixara já a segurança do prumo e percorria o convés da máquina de um lado a outro para poder olhar a terra em todos os seus pontos cardeais, tão grande agora que estavam longe dela, enfim levantaram-se Baltasar e Blimunda, agarrando-se nervosamente aos prumos, depois à amurada, deslumbrados de luz e de vento, logo sem nenhum susto, Ah e Baltasar gritou, Conseguimos, abraçou-se a Blimunda e desatou a chorar, parecia uma criança perdida, um soldado que andou na guerra, que nos Pegões matou um homem com o seu espigão, e agora soluça de felicidade abraçado a Blimunda, que lhe beija a cara suja, então, então. O padre veio para eles e abraçou-se também, subitamente perturbado por uma analogia, assim dissera o italiano, Deus ele próprio, Baltasar seu filho, Blimunda o Espírito Santo, e estavam os três no céu, Só há um Deus, gritou, mas o vento levou-lhe as palavras da boca. Então Blimunda disse, Se não abirmos a vela, continuaremos a subir, aonde iremos parar, talvez ao sol.” (páginas 215/216)
- “Se abirmos de repente a vela, cairemos na terra como uma pedra, e é ele quem vai manobrar a corda, dar-lhe a folga precisa para que se estenda a vela sem esforço, tudo depende agora do jeito, e a vela abre-se devagar, faz descer a sombra sobre as bolas de âmbar e a máquina diminui de velocidade, quem diria que tão facilmente se poderia ser piloto nos ares, já podemos ir à procura das novas Índias. A máquina deixou de subir, está parada no céu, de asas abertas, o bico virado para o Norte, se se está movendo, não parece. O padre abre mais a vela, três quartas partes das bolas de âmbar estão já à sombra, e a máquina desce suavemente, é como estar dentro de um bote num lago tranquilo, um jeito no leme, um harpejo de

remo, as coisas que um homem é capaz de inventar. Devagar, a terra aproxima-se, Lisboa distingue-se melhor, o rectângulo torto do Terreiro do Paço, o labirinto das ruas e travessas, o friso das varandas onde o padre morava, e onde agora estão entrando os familiares do Santo Ofício para o prenderem, tarde piaram, gente tão escrupulosa dos interesses do céu e não se lembram de olhar para cima, é certo que, a tal altura, a máquina é um pontinho no azul, como levantariam os olhos se estão aterrados diante de uma Bíblia rasgada na altura do Pentateuco, de um Alcorão feito em pedaços indecifráveis, e já saem, vão na direcção do Rossio, do palácio dos Estaus, a informar que fugiu o padre a quem iam buscar para o cárcere, e não adivinham que o protege a grande abóbada celeste aonde eles nunca irão, é bem verdade que Deus escolhe os seus favoritos, doidos, defeituosos, excessivos, mas não familiares do Santo Ofício.” (página 216/217)

- “Desce a passarola um pouco mais, com algum esforço se observa a quinta do duque de Aveiro, é certo que estes aviadores são principiantes, falta-lhes a experiência que permitiria identificar de relance os acidentes principais, os cursos de água, as lagoas, as povoações como estrelas derramadas no chão, as escuras florestas, mas lá estão as quatro paredes da abegoaria, o aeroporto donde levantaram voo, lembra-se o padre Bartolomeu Lourenço de que tem um óculo na arca, em dois tempos o vai buscar e aponta, oh que maravilha é viver e inventar, vê-se claramente, a enxerga ao canto, a forja; só o cravo desapareceu, que foi que aconteceu ao cravo, nós o sabemos e vamos dizer, que indo Domenico Scarlatti à quinta, viu, já chegando perto, levantar-se de repente a máquina, num grande sopro de asas, que faria se elas batessem, e tendo entrado deu com os destroços da largada, as telhas partidas, espalhadas pelo chão, as ripas e os barrotes cortados ou arrancados, não há nada mais triste que uma ausência, corre o avião pista fora, levanta-se ao ar, só fica uma pungente melancolia, esta que faz sentar-se Domenico Scarlatti ao cravo e tocar. um pouco, quase nada, apenas passando os dedos pelas teclas como se estivessem aflorando um rosto quando já as palavras foram ditas ou são de menos, e depois, porque muito bem sabe ser perigoso deixar ali o cravo, arrasta-o para fora, sobre o chão irregular, aos solavancos, gemem desconstruídas as cordas, agora sim se desacertarão os saltarelos e vai ser para nunca mais, levou Scarlatti o cravo até ao bocal do poço, felizmente que é baixo, e levantando-o em peso, muito lhe custa, o precipita a fundo, bate a caixa duas vezes na parede interior, todas as cordas gritam, e enfim cai na água, ninguém sabe o destino para que está guardado, cravo que tão bem tocava, agora descendo, gorgolejando como um afogado, até assentar no lodo. Do alto já não se vê o músico, vai por aí, por essas azinhagas, porventura desviando o caminho, porventura olhando para cima, torna a ver a passarola, acena com o chapéu, uma vez só, melhor é disfarçar, fingir que não sabe nada, por isso não o viram da nave, quem sabe se tornarão a encontrar-se.” (páginas 217/218)

- “Mas o padre Bartolomeu Lourenço parece ter sido tocado por um ramo de estupor, não fala, não se mexe, apenas olha o grande círculo da terra, (...), e contudo dir-se-ia que o mundo acabou, os homens nele, o silêncio aflige, e o vento caiu, nem um cabelo de Blimunda se move, ...” (página 218, capítulo 16)
- “É como a pedaleira de um órgão, tem umas sapatas para encaixe dos pés, e, à altura do peito, fixada ao cavername da máquina, há uma barra para apoio dos braços, não é nenhuma invenção complementar do padre Bartolomeu Lourenço, foi ir à sé patriarcal e imitar do órgão que lá está, a diferença é que neste não há música para ouvir, apenas o resfolgo do sopro atirado para as asas e para a cauda da passarola, que finalmente começa a mover-se, devagar, tão devagar que só de a ver assim cansada, e ainda não chegou a voar um tiro de besta já é Baltasar que está cansado, também desta maneira não vamos a parte alguma. De cara fechada, o padre avalia os esforços de Sete-Sóis, compreende que a sua grande invenção tem um ponto fraco, no espaço celeste não se pode fazer como na água, meter os remos ao ar quando falta o vento, Pára, não dê mais aos foles, e Baltasar, esgotado, senta-se no fundo da máquina.” (página 218/219, capítulo 16)
- “... o vento não deixou de soprar. Manobra a vela, estende-a um pouco mais, de modo a cobrir de sombra outra fileira de bolas de âmbar, e a máquina desce bruscamente, porém não o bastante para apanhar o vento. Mais uma fileira deixa de receber a luz do sol, a queda é tão violenta que o estômago parece querer saltar-lhes pela boca, e agora sim, o vento colhe a máquina com uma mão poderosa e invisível e lança-a para a frente, com tal velocidade que de repente fica Lisboa para trás, já no horizonte, diluída numa bruma seca, é como se finalmente tivessem abandonado o porto e as suas amarras para ir descobrir os caminhos ocultos, por isso se lhes aperta o coração tanto, quem sabe que perigos os esperam que adamastores, que fogos de santelmo acaso se levantam do mar, que ao longe se vê, trombas de água que vão sugar os ares e o tornam a dar salgado. Então Blimunda perguntou, Aonde vamos, e o padre respondeu, Lá aonde não possa chegar o braço do Santo Ofício, se existe esse lugar.” (página 219/220)
- “... só uma mulher que está deitada num restolho com um homem em cima de si, cuida ver qualquer coisa a passar no céu, mas julga serem visões próprias de quem está a gostar tanto. Só as aves, curiosas, voam, e perguntam, girando em redor da máquina ansiosamente, que é, que é, talvez seja este o messias dos pássaros, em comparação, a águia não passa de um S. João Baptista qualquer, Após mim vem aquele que é mais forte do que eu, a história da aviação não acaba aqui. Durante algum tempo voaram acompanhados por um milhafre que assustara e fizera fugir todos os pássaros, iam só os dois, o milhafre adejando e pairando, percebe-se que voe, a passarola sem mover as asas, não soubéssemos nós que isto é feito de sol, âmbar, nuvens fechadas, ímanes e lamelas de ferro, e não acreditaríamos no que os nossos olhos vêem, além de que não teríamos a

desculpa da mulher que estava deitada no restolho e já não está, acabou-se-lhe o gosto, daqui nem o sítio se vê.” (página 220)

- “Estão os três voadores à proa da máquina, vão na direcção do poente, e o padre Bartolomeu Lourenço sente que a inquietação regressou e cresce é pânico já, enfim vai ter voz, e essa voz é um gemido, quando o sol se puser, descera irremediavelmente a máquina, talvez caia, talvez se despedace e todos morrerão, É Mafra, além, grita Baltasar, parece o gajeiro a bradar do cesto da gávea, Terra, nunca comparação alguma foi tão exacta, porque esta é a terra de Baltasar, reconhece-a, mesmo nunca a tendo visto do ar, ...” (página 221, capítulo 16)
- “Passam velozmente sobre as obras do convento, mas desta vez há quem os veja, gente que foge espavorida, gente que se ajoelha ao acaso e levanta as mãos implorativas de misericórdia, gente que atira pedras, o alvoroço toma conta de milhares de homens, quem não chegou a ver duvida, quem viu, jura e pede o testemunho do vizinho, mas provas já ninguém as pode apresentar porque a máquina afastou-se na direcção do sol, tornou-se invisível contra o disco refulgente, talvez não tivesse sido mais que uma alucinação, já os cépticos triunfam sobre a perplexidade dos que acreditaram.” (página 221, capítulo 16)
- “Em poucos minutos, a máquina atinge a costa do mar, parece que a está puxando o sol para a levar ao outro lado do mundo. O padre Bartolomeu Lourenço compreende que vão cair na água, puxa violentamente a corda, a vela corre toda para um lado, fecha-se de golpe, e a subida é tão rápida que a terra se alarga de novo e o sol surge muito acima do horizonte. É demasiado tarde, porém. Para o lado do oriente já se avistam sombras, a noite está-se aproximando, não é possível fugir-lhe. Pouco a pouco, a máquina começa a derivar para nordeste, em linha recta, obliquando na direcção da terra, sujeita à dupla atracção da luz, que rapidamente enfraquece, mas ainda tem forças para a sustentar no espaço, e da escuridão nocturna, que já oculta os vales distantes. Agora não se sente o vento natural, vencido pela violenta corrente de ar provocada pela descida, pelo silvo agudo que a deslocação faz vibrar na cobertura de vime. O sol está pousado no horizonte do mar, como uma laranja na palma da mão, é um disco metálico retirado da forja para arrefecer, já o seu brilho não fere os olhos, foi branco, cereja, rubro, vermelho, ainda fulge, mas sombriamente, está a despedir-se, adeus, até amanhã, se houver amanhã para os três nautas aéreos que tombam como uma ave ferida de morte, mal equilibrada nas asas curtas, com o seu diadema de âmbar, em círculos concêntricos, queda que parece infinita e vai acabar. Na frente deles ergue-se um vulto escuro, será o adamastor desta viagem, montes que se erguem redondos da terra, ainda riscados de luz vermelha na cumeada. O padre Bartolomeu Lourenço olha indiferente, está fora do mundo, para além da própria resignação, espera o fim que não vai tardar. Mas de súbito Blimunda solta-se de Baltasar, a quem convulsa se agarrara quando a máquina precipitou a

descida, e rodeia com os braços uma das esferas que contêm as nuvens fechadas, as vontades, duas mil são mas não chegam, cobre-as com o corpo, como se as quisesse meter dentro de si ou juntar-se a elas. A máquina dá um salto brusco, levanta a cabeça, cavalo a que puxaram o bridão, suspende-se por um segundo, hesita, depois recomeça a cair, mas menos depressa, e Blimunda grita, Baltasar, Baltasar, não precisou chamar três vezes; já ele se abraçara com a outra esfera, fazia corpo com ela, Sete-Luas e Sete-Sóis sustentando com as suas nuvens fechadas a máquina que baixava, agora devagar, tão devagar que mal rangeram os vimes quando tocou o chão, só bandeou para um lado, não havia ali espeques para a receber, é que não se pode ter tudo. Frouxos de membros, extenuados, os três viajantes escorregaram para fora, tentaram ainda segurar-se à amurada, não o conseguiram, e, rolando, acharam-se estendidos no chão, nem sequer feridos de raspão, é bem verdade que não se acabaram os milagres, e este foi dos bons, nem foi preciso invocar S. Cristóvão, ele lá estava, vigiando o trânsito, viu aquele avião desgovernado, deitou-lhe a grande mão e evitou a catástrofe, para seu primeiro milagre aéreo não esteve nada mal.” (páginas 221/223, capítulo 16)

- “Despede-se o último ar de dia, não tarda que se feche a noite completamente, luzem no céu as primeiras estrelas, nem por terem estes chegado tão perto puderam alcançá-las, afinal das contas, que foi isto, o salto duma pulga, subimos ao ar em Lisboa, sobrevoámos a vila de Mafra e a obra do convento, estivemos prestes a cair ao mar, e agora, Onde estamos, perguntou Blimunda, (...), Não conheço onde estamos, nunca estive neste sítio, a mim parece-me uma serra, talvez o padre Bartolomeu Lourenço tenha informações.” (página 223, capítulo 6)
- “O padre estava a levantar-se, não lhe doíam os membros nem o estômago, apenas a cabeça, mas essa era como se um estilete lhe perfurasse de lado a lado as fontes, Estamos em tão grande perigo como se não tivéssemos chegado a sair da quinta, se ontem não nos encontraram, encontram-nos amanhã, Mas este lugar onde estamos, como se chama, Todo o lugar da terra é antecâmara do inferno, umas vezes vai-se morto a ele, outras vai-se vivo e a morte é depois que vem, Por enquanto ainda estamos vivos, Amanhã estaremos mortos.” (págs 223/224, capítulo 16)
- “.... e Baltasar acrescentou, Faremos subir a máquina, já conhecemos as manobras, se O vento nos não faltar, um dia inteiro dará para chegarmos longe, onde o Santo Ofício o não alcance. O padre Bartolomeu Lourenço não respondeu. Apertava a cabeça entre as mãos, depois fazia gestos como se conversasse com um ser invisível, e o seu vulto tornava-se cada vez mais impreciso na escuridão.” (pág 224, capítulo 6)
- “... parecia que o mundo tinha sido abandonado pelos seus habitantes, afinal não faltavam por aí máquinas voadoras capazes de viajar com qualquer tempo, até de noite, foi-se toda a gente embora, ficaram estes três com um

passaroco que não sabe para onde há-de ir se lhe tiram o sol.” (pág 225, capítulo 6)

- “não tinham dormido muito, havia um clarão como se o mundo estivesse a arder, era o padre com um ramo inflamado que pegava fogo à máquina, já a cobertura de vime estalava, e de um salto Baltasar pôs-se de pé, foi para ele, e deitando-lhe os braços à cintura puxou-o para trás, mas o padre resistia, de modo que Baltasar o apertou com violência, atirou-o ao chão, calcou a pés o archote, enquanto Blimunda batia com o pano de vela as chamas que tinham alastrado ao mato e agora, aos poucos, se deixavam apagar. Vencido e resignado, o padre levantou-se. Baltasar cobria com terra a fogueira.” (página 225)
- “Porque foi que deitou fogo à máquina, e Bartolomeu Lourenço respondeu, no mesmo tom, como se estivesse à espera da pergunta, Se tenho de arder numa fogueira, fosse ao menos nesta.” (páginas 225/226)
- “... viram-no baixar-se rapidamente, e, olhando outra vez, já lá não estava, alguma necessidade urgente do corpo, se ainda as tem um homem que quis deitar fogo a um sonho. O tempo passava, o padre não reaparecia. Baltasar foi buscá-lo. Não estava. Chamou por ele, não teve resposta.” (página 226)
- “Sumiu-se, e Blimunda, declarou, Foi-se embora, não o tornaremos a ver.” (pág 226)
- “Se não estenderes a vela, se não tapares bem tapadas as bolas de âmbar, a máquina vai-se sozinha, nem precisa de quem a governe, talvez fosse melhor deixá-la ir, porventura se encontraria em algum lugar da terra ou do céu com o padre Bartolomeu Lourenço, e Baltasar respondeu, num rompante violento, Ou no inferno, a máquina, onde está, fica, ...” (pág 226)

CAPÍTULO 17

- “Eu voei de Lisboa ao Monte Junto, tomá-lo-iam por doido, e vá com muita sorte, por tão pouco não se inquietaria o Santo Ofício, é o que por aí não falta, loucos varridos em terra que a loucura varreu. Dos dinheiros do padre Bartolomeu Lourenço tinham vivido Baltasar e Blimunda até agora, juntando-lhes as couves e o feijão da horta, um pedaço de carne enquanto foi tempo dela, sardinha salgada quando não chegava fresca, e quanto se gastasse e comesse era muito menos para sustentar o corpo próprio que para alimentar o crescimento da máquina voadora, se então realmente acreditavam que ela voaria. Voou a máquina, se tal se crê, e hoje está reclamando, o corpo o seu alimento, é para isto que sobem os sonhos alto, nem sequer o ofício de carreiro pode Sete-Sóis tomar, os bois foram vendidos, partiu-se o carro, não fosse Deus tão descuidado, e os bens dos pobres seriam eternos.” (pág 229/230)
- “Em que posso então eu trabalhar, irmão, isto perguntou Baltasar a Álvaro Diogo, seu cunhado, na noite mesma do dia em que chegaram, agora

moradores todos na casa paterna, tinham acabado de cear, mas antes ouviram da boca de Inês Antónia, ele e Blimunda, o maravilhoso caso da passagem do Espírito Santo por cima da vila, Que com estes olhos que a terra há-de comer o vi, mana Blimunda, e viu Álvaro Diogo, que estava na obra, pois não é verdade que viste, meu homem, e Álvaro Diogo, soprando um tição da fogueira, respondeu que sim, que passara uma coisa por cima da obra, Foi o Espírito Santo, insistiu Inês Antónia, (...) e Baltasar, com os olhos em Blimunda que sorria, Ele há coisas no céu que não sabemos explicar, e Blimunda devolvendo a intenção, Soubéssemos-las nós e as coisas do céu teriam outros nomes.” (página 230)

- “Em um dia santo, parado o trabalho na obra, fez Baltasar uma jornada e foi ao Monte Junto ver a máquina de voar. Estava no mesmo sítio, na mesma posição, descaída para um lado e apoiada na asa, debaixo da sua cobertura de ramagens já secas. A vela superior, embreada, toda aberta, fazia sombra sobre as bolas de âmbar. Por causa da inclinação do casco, a chuva não empoçara na vela, e assim não havia perigo de esta apodrecer. Ao redor, pelo chão pedregoso, rebentava mato novo e alto, até silvas, caso sem dúvida singular por não ser este o tempo próprio nem o lugar adequado, parecia estar a passarola a defender-se por artes suas, tudo se deve esperar de uma máquina destas. Pelo sim, pelo não, deu Baltasar uma ajuda ao disfarce indo cortar ramos das moitas, como da primeira vez, mas agora com menos custo porque levava um podão, e, concluído o trabalho, deu a volta a esta outra basílica, e viu que estava bem. Depois subiu para a máquina, e, numa tábua do convés, com o bico do espigão, que nos últimos tempos não precisara usar, riscou um sol e uma lua, recado que ficará para o padre Bartolomeu Lourenço, se aqui voltar um dia verá este sinal dos seus amigos, não há confusão possível.” (páginas 243/244)
- “Vim-te dizer, e a Baltasar, que o padre Bartolomeu de Gusmão morreu em Toledo, que é em Espanha, para onde tinha fugido, dizem que louco, ...” (página 246)
- “Na noite em que a máquina caiu na serra, o padre Bartolomeu Lourenço fugiu de nós e nunca mais voltou, E a máquina, Lá continua, que faremos com ela, Defendam-na, cuidem-na, pode ser que um dia volte a voar, ...” (página 246)

CAPÍTULO 18

- “Bebe porque constantemente se lembra da passarola, lá na serra do Barregudo, numa encosta do Monte Junto, quem sabe se já encontrada por contrabandistas ou pastores, e só de pensar nisso sofre como se o estivessem a apertar no potro.” (página 255)
- “... enfim, isto são conversas loucas de quem já esteve perto do sol e agora bebeu de mais, se me ouvirem dizer coisas insensatas, ou é do sol que apanhei, ou do vinho que me apanhou, ...” (página 259)

- “E quando foi que estiveste perto do sol, (...) , Essa, foi de uma vez que subi a uma serra muito alta, tão alta que estendendo o braço tocava-se no sol, nem sei se perdi a mão na guerra, se foi o sol que me queimou, E que serra era, em Mafra não há serras que cheguem ao sol, e no Alentejo também as não há, (...) , Talvez tenha sido uma serra que nesse dia estava alta e agora está baixa, (...) Chegar perto do sol, só se tivesses voado como os pássaros, (...) mas tu és homem, não tens asas, A não ser que sejas bruxo, ...” (páginas 260/261)
- “Eu não sou bruxo, ponham-se a dizer essas coisas, e leva-me o Santo Ofício, e também ninguém me ouviu dizer que voei, Mas declaraste que estiveste perto do sol, e ainda outra coisa, que começaste a ser igual a Deus depois de teres ficado sem a mão, se tal heresia chega aos ouvidos do Santo Ofício, então é que não te salvas mesmo, ...” (página 261)

CAPÍTULO 19

- “Muito melhor veríamos, e muito mais, se olhássemos de alto, por exemplo, pairando na máquina voadora sobre este lugar de Mafra, ...” (página 263)
- “não há melhor miradouro que este onde estamos, não faríamos ideia da grandeza da obra se o padre Bartolomeu Lourenço não tivesse inventado a passarola, a nós nos sustentam no ar as vontades que Blimunda juntou dentro das esferas de metal, lá em baixo outras vontades andam, presas ao globo terra pela lei da gravidade e da necessidade, ...” (página 264)
- “Mas os homens, se os quisermos ver, tem de ser de mais perto.” (página 264)
- “Cada dia é um bocado de história, ninguém a pode contar toda, e Baltasar ia pensando, Quem havia de gostar deste Manuel Milho era o padre Bartolomeu Lourenço.” (página 289)
- “Não sei. Sete-Sóis atirou o calhau para a fogueira e disse, Talvez voando.” (página 291)

CAPÍTULO 20

- “Desde que a máquina voadora descera no Monte Junto, contavam-se por seis, ou eram sete, as vezes que Baltasar Sete-Sóis metera pés ao caminho para ver e remediar, quanto podia, os estragos que o tempo ia causando ali à descoberta apesar da protecção do mato e dos silvados. Quando deu por que se enferrujavam as lâminas de ferro, levou uma panela de sebo e untou-as cuidadosamente, renovando a operação de cada vez que lá voltava. Também se habituara a transportar às costas um molho de vimes, que cortava numa terra meio alagadiça que lhe ficava em viagem, e com eles remendava as falhas e os rasgões do entrançado, nem sempre de causa natural, como quando encontrara dentro da carcaça da passarola uma toca com seis raposinhos.” (página 293)

- “la sempre sozinho, sozinho está pensando que novamente irá, mas hoje Blimunda diz-lhe, em três anos é a primeira vez Vou também, e ele estranhou, A jornada é comprida, vais-te cansar, Quero conhecer o caminho, se alguma vez tiver de lá ir sem ti. Era uma boa razão, ainda que Baltasar não esquecesse a probabilidade do lobo, Aconteça o que acontecer, não vás nunca sozinha, os caminhos são ruins, o sítio ermo, se ainda te lembras, e não estás livre de que te assaltem feras, e Blimunda respondeu, Jamais se diga aconteça o que acontecer, porque sempre podem primeiro acontecer coisas com que não contávamos quando dissemos aconteça o que acontecer, ...” (página 294)
- “Meu pai, vou com Blimunda à serra do Barregudo, ao Monte Junto, ver como está a máquina em que voámos de Lisboa, lembra-se, quando aí se disse que o Espírito Santo tinha passado pelos ares, por cima da obra, não foi Espírito Santo nenhum, fomos nós, com o padre Bartolomeu Lourenço, lembra-se, (...) , Eu voei, pai, Filho, eu acredito.” (página 295)
- “... tanto andámos que chegámos, Monte Junto, passarola.” (página 297)
- “Neste lugar também foram ditas palavras, Se tenho de morrer numa fogueira, fosse ao menos esta, disse-as louco o padre Bartolomeu Lourenço, porventura serão estes silvados o bosque de carvalhos, este mato florido os remos e o rio, será barca a ave magoada, que palavra se dirá que dê sentido a isto.” (página 297)
- “... e entretanto foi Baltasar desimpedir a passagem que através das silvas leva à protegida máquina, é um trabalho de todas as vezes feito, porém, mal ele vira costas avançam os rebentos, os enleios, muito custa defender aqui um espaço de passagem, um túnel, por dentro e ao redor, sem ele como se restaurariam os entrançados de vimes, como se amparariam as asas que o tempo afrouxou, a erecta cabeça se descai a sustentação da cauda, a afinação dos lemes, é verdade que estamos, nós e a máquina, caídos no chão, mas preparados. Laborou Baltasar por muito tempo, ferindo as mãos nos espinhos, e depois que ficou fácil o acesso chamou Blimunda, mesmo assim ela teve de avançar rastejando sobre os joelhos, enfim chegou, estavam imersos numa sombra verde, translúcida, talvez por causa dos braços mais novos que passavam por cima da vela negra sem a esconderem, tenras folhas que ainda deixavam coar a luz, e sobre esta cúpula, outra de silêncio, é sobre o silêncio uma abóbada de luz azul, apercebida em pedaços, rasgões, confidências. Subindo pela asa que se apoiava no chão, chegava-se ao convés da máquina. Lá estavam o sol e a lua, numa tábuia inscritos, nenhum outro sinal se lhes juntara, era como se não houvesse mais ninguém neste mundo. Em alguns lugares o soalho apodrecera, outra vez teria Baltasar de trazer algum tabuado da obra do convento, sarrafos desprezados dos andaimes, de nada valeria cuidar das lamelas de ferro e do cesto exterior se debaixo dos pés se esboroavam as madeiras. Luziam mortijas as bolas de âmbar sob a sombra da vela, como olhos que não pudessem fechar-se, ou resistissem ao sono para não

perderem a hora da partida. Mas há em tudo isto um ar de abandono, as folhas mortas escurecem na água que empoçou e ainda resiste aos primeiros calores, se não fosse a constância de Baltasar, encontraríamos aqui uma triste ruína, os ossos de um pássaro morto. Só as esferas, fabricadas de misteriosa liga, brilham como no primeiro dia, foscas mas luminosas, nítidas as nervuras, precisos os encaixes, não se acreditaria que estão aqui vai para quatro anos. Blimunda aproximou-se de uma delas, pôs-lhe a mão em cima, não estava quente, não estava fria, foi como se tivesse juntado as duas mãos, não sente frio, não sente calor, apenas que ambas estão vivas, Ainda aqui dentro viverão as vontades, de certeza não saíram, se vejo inteiras as esferas, incorrupto o metal, coitadas delas, fechadas há tanto tempo, à espera de quê. Baltasar já estava trabalhando em baixo, ouviu uma parte qualquer da pergunta, ou adivinhou-a, Se as vontades saíram das esferas, a máquina não serve para nada, nem valia a pena cá voltar, e Blimunda disse, Amanhã o saberei. Trabalharam ambos até ao pôr do sol. Com ramos de arbustos, Blimunda fez uma vassoura para varrer as folhas e os detritos, depois ajudou Baltasar a substituir os vimes partidos, a untar com sebo as lamelas. Coseu, seu trabalho de mulher, a vela que se esgarçava em dois lugares, como Baltasar fizera outras vezes, seu trabalho de soldado, e agora rematava cobrindo de breu a superfície restaurada. Fez-se entretanto noite. Baltasar foi despejar o burro para que o coitado não ficasse por ali tão incomodamente travado, e prendeu-o perto da máquina, daria sinal se viesse bicho. Já antes tinha inspecionado o interior da passarola, descendo por uma abertura do convés, escotilha desta nave aérea, ou aeronave, nome facilmente formável no futuro, quando for preciso. Não havia sinais de vida, nem uma cobra, nem a simples lagartixa que em todo o oculto corre, de aranhas nem fio de teia, que moscas ali viriam. Era como o dentro de um ovo, a casca dele, o silêncio que lá está. (páginas 297/299)

- “Blimunda aproximou-se de, uma das esferas e olhou. Lá dentro, circularmente, movia-se uma sombra, como um turbilhão de vento visto a grande distância. Na outra esfera havia uma sombra igual.” (página 300)
- “Foste ver as vontades, Fui, respondeu ela, E estão lá, Estão, As vezes penso que devíamos abrir as esferas, e deixá-las ir, Se as deixarmos ir, será o mesmo que se não tivesse acontecido nada, será como se não tivéssemos nascido, nem tu, nem eu, nem o padre Bartolomeu Lourenço, Continuam a parecer-se com nuvens fechadas, São nuvens fechadas.” (página 300)
- “Pelo meio da manhã acabaram o trabalho. Mais por a terem cuidado homem e mulher do que por terem sido dois os cuidadores, a máquina parecia renovada, tão esperta como no seu primeiro voo. Puxando e enredando ramagens do silvado, Baltasar tapou a passagem da entrada. Afinal de contas, isto é mesmo um conto de fadas. Diante da gruta está um bosque de carvalhos, se o que vemos não é antes um rio sem barca nem remos. Só do alto se veria o singular tecto negro da gruta, só uma passarola que passasse lá em cima, mas a única que no mundo existe está aqui derrubada, e as aves

comuns, as que Deus fez ou mandou fazer, passam e tornam a passar, olham e tornam a olhar, e não entendem. Também o burro não sabe ao que veio.” (páginas 300/301)

CAPÍTULO 21

- “... mandou D. João V aviso a Sete-Sóis, ou ao José Pequeno, dizendo, (...) , adeus, até qualquer dia, saudades à Blimunda, da máquina voadora do padre Bartolomeu Lourenço é que nunca mais soube nada, tanta protecção lhe dei, tanto dinheiro gasto, o mundo anda cheio de gente ingrata, agora é que é certo, adeus.” (páginas 316/317)
- “Meu querido rei, cá recebi a sua carta e nela vi tudo quanto tinha para me dizer, (...), também nunca mais ouvi falar da máquina voadora, talvez a tenha levado o padre Bartolomeu Lourenço para Espanha, quem sabe se a tem agora o rei de lá, que, segundo ouço dizer, vai ser seu compadre, acautele-se, com isto não enfado mais, lembranças à rainha, adeus, meu querido rei, adeus.” (páginas 318/319) - Importante “Esta carta nunca foi escrita,” (página 319)

CAPÍTULO 22

- “À mulher não a conheci, Sete-Sóis vinha às vezes com umas ideias esquisitas, um dia até disse que já tinha estado perto do sol, (...) , o que ele queria dizer na sua, é que tinha voado, Voado, Sete-Sóis, essa nunca tal ouvi.” (página 346)
- “Estou-me a lembrar de que o Sete-Sóis, quando viveu em Lisboa, se dava muito com o Voador, que até fui eu que lho aponteí, um dia que estávamos no Terreiro do Paço, lembro-me como se fosse ontem, Quem era o tal Voador, O Voador era um padre, o padre Bartolomeu Lourenço, que depois veio a morrer em Espanha, fez agora quatro anos, foi um caso de que se falou muito, o Santo Ofício meteu o nariz, quem sabe se estaria Sete-Sóis nesse negócio, Mas o Voador chegou a voar, Houve quem dissesse que sim, houve quem dissesse que não, vá lá agora saber-se, Certo certo é ter o Sete-Sóis declarado que esteve perto do sol, isso ouvi eu, Deve haver um segredo, Haverá, ...” (página 347)

CAPÍTULO 23

- “E Baltasar disse, Amanhã vou ao Monte Junto ver como está a máquina, passaram seis meses desde a última vez, como estará aquilo, Vou contigo, Não vale a pena, saio cedo, se não tiver muito que remendar estarei cá antes da noite, melhor é ir agora, depois são as festas da sagração, se adrega de chover ficam os caminhos piores, Tem cuidado, Descansa, a mim não me assaltam ladrões nem mordem lobos, Não é de lobos ou ladrões que falo,

Então, Falo da máquina, Dizes-me sempre que me acautele, eu vou e venho, mais cuidados não posso ter, Tem-nos todos, não te esqueças, Sossega, mulher, que o meu dia ainda não chegou, Não sossego, homem, os dias chegam sempre.” (página 367)

- “Meteu-se já Baltasar pelos contrafortes do Monte Junto, procura o quase invisível caminho que por entre mato o levará à máquina de voar, é sempre com o coração apertado que se aproxima, por temor de que a tenham descoberto, talvez destruído, talvez roubado, e de cada vez se surpreende de a ver como se tivesse acabado agora mesmo de pousar, ainda fremente da veloz descida, no seu regaço de arbustos e miríficas trepadeiras, miríficas se lhes há-de chamar porque não é isto terra onde costumadamente cresçam. Não foi roubada, destruída também não, lá está, no mesmo lugar, de asa descaída, o seu pescoço de ave confundido com as ramagens mais altas, a cabeça escura como um ninho suspenso.” (página 374)
- “O sol brilhava com força, o ar estava quente. Por cima da asa, pisando cautelosamente para não ofender o revestimento de vime, Baltasar entrou na passarola.” (páginas 374/375)
- “Algumas tábuas do convés estavam apodrecidas. Teria de substituí-las, trazer os materiais necessários, demorar-se aqui uns dias, ou então, só agora lhe ocorria a ideia, desmontar a máquina peça por peça, transportá-la para Mafra escondê-la debaixo duma parga de palha, ou num dos subterrâneos do convento, se pudesse combinar com os amigos mais chegados, confiar-lhes metade do segredo, consigo mesmo se espantava de nunca ter pensado nesta solução, quando voltasse falaria com Blimunda.” (página 375)
- “la distraído, não reparou onde punha os pés, de repente duas tábuas cederam, rebentaram, afundaram-se. Esbracejou violentamente para se amparar, evitar a queda, o gancho do braço foi enfiar-se na argola que servia para afastar as velas, e, de golpe, suspenso em todo o seu peso, Baltasar viu os panos arredarem-se para o lado com estrondo, o sol inundou a máquina, brilharam as bolas de âmbar e as esferas. A máquina rodopiou duas vezes, despedaçou, rasgou os arbustos que a envolviam, e subiu. Não se via uma nuvem no céu.” (página 375)

CAPÍTULO 24

- “Na primeira claridade levantou-se Blimunda, foi à cozinha buscar algum alimento, que desassossego é este, mulher, ainda não estamos fora do que Baltasar prometeu, talvez aí chegue pelo meio-dia, tinha muito que consertar na máquina, tão velha, à chuva e ao vento, ele preveniu. Blimunda não nos ouve, saiu já de casa, vai pelo caminho que conhece, aquele por onde Baltasar virá, não é possível desencontrarem-se.” (página 378)
- “Ali é o lugar, como o ninho de uma grande ave que levantou voo. O grito de Blimunda, terceiro, e sempre o mesmo nome, não foi agudo, apenas uma explosão sufocada, como se as tripas lhe estivessem sendo arrancadas por

gigantesca mão, Baltasar, e ao dizê-lo compreendeu que desde o princípio soubera que viria encontrar deserto este lugar.” (página 381)

- “Não há nada além, mas isto mesmo era o que não queria acreditar, em qualquer parte do céu deveria andar Baltasar voando, lutando com as velas para fazer descer a máquina. Tornou a olhar o alforje, foi buscá-lo, sentiu o peso do espigão dentro dele, e então lembrou-se de que a máquina, se subira no dia anterior, a noite fizera-a descer, por isso Baltasar não estava no céu, estaria na terra, em qualquer parte, talvez morto, talvez vivo, mas ferido, que ainda se lembrava de como fora violenta a descida, porém com maior carga.” (página 381)
- “Ando à procura do meu homem, e não sabia como continuar, o frade pensaria que ela estava doida se lhe fosse falar em máquina voadora, em passarola, em nuvens fechadas. Recuou alguns passos, Somos de Mafra, o meu homem veio aqui ao Monte Junto por causa de um grande pássaro que ouvimos dizer que vivia cá, o meu medo é que o pássaro o tenha levado,” (página 382)

CAPÍTULO 25

- “Por fim já era conhecida de terra em terra, a pontos de não raro a preceder o nome de Voadora, por causa da estranha história que contava.” (página 396)